



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

Ítalo Urbano Barros Fernandes

VARIAÇÃO LEXICAL DA LIBRAS ENTRE CAMPINA GRANDE E JOÃO PESSOA

CAMPINA GRANDE - PB
2022

Ítalo Urbano Barros Fernandes

VARIAÇÃO LEXICAL DA LIBRAS ENTRE CAMPINA GRANDE E JOÃO PESSOA

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Letras – Libras da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.
Orientador: Me. Ewerton Carlos Matos Marques.

CAMPINA GRANDE - PB
2022

F363v

Fernandes, Ítalo Urbano Barros.

Varição lexical da Libras entre Campina Grande e João Pessoa / Ítalo Urbano Barros Fernandes. – Campina Grande, 2022.

68 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Letras – Libras) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação: Prof. Me. Ewerton Carlos Matos Marques".

Referências.

1. Libras. 2. Varição Lexical em Libras. 3. Varição Linguística da Libras. 4. Varição Lexical em Libras – Campina Grande e João Pessoa – Paraíba. I. Marques, Ewerton Carlos Matos. II. Título.

CDU 81'221.24(043)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA SEVERINA SUELI DA SILVA OLIVEIRA CRB-15/225

1. Inserir referências

Tradução de Shirley Barbosa das Neves Porto

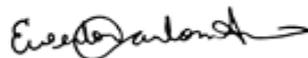
Ítalo Urbano Barros Fernandes

VARIAÇÃO LEXICAL DA LIBRAS ENTRE CAMPINA GRANDE E JOÃO PESSOA

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Letras – Libras da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em 29 de março de 2022

Banca Examinadora:



Prof. Orientador
Prof. Me. Ewerton Carlos Matos Marques (UFCG)



Prof. Examinador
Prof. Dr. Manassés Morais Xavier (PPGLE/UFCG)



Profa. Examinadora
Profa. Ma. Heloise Gripp Diniz (UFRJ)

CAMPINA GRANDE - PB
2022

Tudo no tempo de Deus.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus por ter me dado força, sabedoria para me esforçar e por tudo que superei na minha vida. Durante a pandemia do COVID-19, não foi fácil para mim, mas aguentei firme a luta para poder estar vivo hoje.

Agradeço aos meus pais que sempre me apoiaram desde criança até hoje. Minha família é a base de minha vida, mesmo sendo surdo eles nunca duvidaram da minha capacidade, então eles sempre me deram tudo que eu precisei para eu chegar até a universidade, e ainda hoje sempre me apoiam quando e se eu preciso. Obrigado por tudo que, com paciência, me ensinaram. E vou lutar e ainda tenho muito para conquistar, meu objetivo é ser vitorioso por eles.

Agradeço a Laís Karolyne, que tem sido a pessoa mais importante da minha vida em quase todo tempo, comigo desde o meio do curso até hoje, a conclusão. Ela conhece muito bem minha mente e já sabe o que eu quero falar. Sempre seguindo meu cotidiano, as vezes em que penso ter chegado no meu limite, que não consigo ela sempre me ajuda levantar nos momentos difíceis. Ela é meu maior suporte. Laís é incrível, não só como esposa, mas sim como uma companheira maravilhosa, amorosa, atenciosa.

Agradeço ao meu orientador, o Prof. Ewerton Carlos, por ter me ajudado a construir esta pesquisa, sempre com toda atenção e cuidado no falar comigo. Desde que conheci a linguística ela foi inspiradora para mim. Fiz um artigo nos períodos de 2018 com o mesmo objeto aqui trabalhado, fiel ao objetivo para chegar até minha defesa de TCC. Professor, suas orientações foram importantes para meu trabalho.

Não posso deixar de agradecer a professora Dra. Denise Lino por ter acolhido a responsabilidade de implantar o Letras Libras e a professora Dra. Shirley Neves por ter dado continuidade a esse trabalho até que nossa turma fizesse o primeiro vestibular do Curso, sendo nossa turma a pioneira em curso presencial da Paraíba. Agradeço aos meus amigos, em especial minha colega Jessica Martins, que esteve comigo na elaboração do artigo que deu início a esta pesquisa. Aos professores do curso LL, em especial a professora Conceição Saúde, que sempre me apoio quando iniciei minha carreira de professor, me instruindo para o melhor caminho. Obrigado a todos por toda experiência adquirida, me ensinaram tudo durante o curso, principalmente, aprendi a me aprofundar mais no estudo da linguística da Libras e, por isso, me tornei uma pessoa melhor para ser um professor melhor para meus alunos.

“Não importa o que aconteça, continue a nadar.”
(WALTERS, GRAHAM; **PROCURANDO NEMO**,
2003)

RESUMO

Este trabalho acadêmico tem como objetivo pesquisar as variações lexicais na Libras entre duas cidades situadas no mesmo estado, Campina Grande e João Pessoa, na Paraíba. A inspiração para esta investigação se deu pela escassez dessa temática envolvendo a Libras em âmbito mais regional como campo de pesquisa foram escolhidas duas cidades na Paraíba, próximas em localização e cultura, contudo, ambas possuem suas especificidades linguísticas. Buscando embasamento teórico para a exploração, foram escolhidos pesquisadores da área com foco em variação lexical da Libras e da Língua Portuguesa (SILVA, 2014; ROMANO e CÁ, 2020), pois suas obras servem de orientação para as atuais e futuras pesquisas linguísticas. A metodologia utilizada foi do tipo pesquisa do campo, sob abordagem qualitativa (LABOV, 1972). A coleta dos dados foi feita com um grupo de com 8 surdos de faixa etária de 21 até 29 anos de idade, 4 de Campina Grande e 4 de João Pessoa, 2 homens e 2 mulheres em cada cidade. A entrevista foi o instrumento de pesquisa escolhido e teve como objetivo apresentar 19 itens lexicais livres: 7 palavras e 12 palavras com imagens, que os participantes faziam os sinais para que eu tivesse o registro de suas sinalizações. Foram selecionados 6 sinais variantes do mesmo significado entre as duas cidades. A análise dos dados se deu a partir do registro dos sinais nas entrevistas por prints da tela e a comparação dos sinais em evidência, para comprovar-se há ou não a variação lexical entre as duas cidades. Os resultados alcançados revelam a existência desta variação entre as duas cidades, como também apontam três necessidades para a explanação da variação lexical na Libras. A primeira é de ampliação de estudos sobre variação linguística na Paraíba, de modo que possamos ter mais estudos de muitos outros sinais do Estado. A segunda é de compreensão linguística da existência da variação linguística pelos surdos, criando, assim, uma atitude de respeito ao que é sinalizado pelo surdo da outra cidade ou região do estado. Por fim, a terceira, de afirmação dos pesquisadores de variação linguística da Paraíba entre os pesquisadores da Libras no Brasil.

Palavras-chave: variação lexical em Libras, Campina Grande, João Pessoa, Paraíba.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos	24
Figura 2: Linguagem das Mãos	24
Figura 3: Dicionário de Libras Ilustrado (CD-Rom)	24
Figura 4: Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais	25
Figura 5: Os parâmetros fonológicos da Libras	30
Figura 6: Sinal “CADEIRA” em Libras no dicionario Iconographia, Oates e INES	30
Figura 7: Sinal “LIVRO” em Libras no dicionario Iconographia, Oates e INES	31
Figura 8: Sinal “BEBER” em Libras no dicionario Iconographia, Oates e INES	32
Figura 9: Variação nos sinais MÃE no Nordeste e no Sul	33
Figura 10: Variação nos sinais PAI no Nordeste e no Sul	34
Figura 11: Mapa de contagio do Covid-19	38
Figura 12: Decreto Estado da Paraíba	39
Figura 13: Apresentação da entrevista com informante C fazendo o sinal “BOM DIA”	40
Figura 14: Registro do sinal “BOM DIA” do dicionario de Oates	47
Figura 15: Registro do sinal “POR QUE” do dicionario de Oates	49
Figura 16: Registro do sinal “POR QUE” em ASL	49
Figura 17: Registro do sinal “POR QUE” do dicionário Libras Ilustrado	50
Figura 18: Registro do sinal “QUE” do dicionario de Oates	50
Figura 19: Registro do sinal “ENFERMAGEM” em LSF	53
Figura 20: Registro do sinal “CUIDADO” em Dicionário Digital (INES)	54
Figura 21: Registro do sinal “ENFERMEIRA” em LSE	54
Figura 22: Registro do sinal “ELEVADOR” em Dicionário Digital (INES)	57
Figura 23: Registro do sinal “ELEVADOR” do dicionario de Oates	58

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Referencial 1 – BOM DIA	59
Gráfico 2: Referencial 2 – POR QUE	60
Gráfico 3: Referencial 3 – PROJETO	60
Gráfico 4: Referencial 4 – ENFERMAGEM	61
Gráfico 5: Referencial 5 – COXINHA	62
Gráfico 6: Referencial 6 – ELEVADOR	62
Gráfico 7: TOTAL	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Perfil de informantes: surdos de CG	42
Quadro 2: Perfil de informantes: surdos de JP	43
Quadro 3: Número de informes por referente em CG	44
Quadro 4: Número de informes por referente em JP	45
Quadro 5: Referente 1: BOM DIA – CG	46
Quadro6: Referente 1: BOM DIA – JP	47
Quadro 7: Referente 2: POR QUE – CG	48
Quadro 8: Referente 2: POR QUE – JP	48
Quadro 9: Referente 3: PROJETO – CG	51
Quadro 10: Referente 3: PROJETO – JP	51
Quadro 11: Referente 4: ENFERMAGEM – CG	52
Quadro 12: Referente 4: ENFERMAGEM – JP	52
Quadro 13: Referente 5: COXINHA – CG	55
Quadro 14: Referente 5: COXINHA – JP	55
Quadro 15: Referente 6: ELEVADOR – CG	56
Quadro 16: Referente 6: ELEVADOR – JP	56
Quadro 17: Informante que utilizaram mesclaram os sinais com o campo vizinho	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - PANORAMA GERAL DOS ESTUDOS SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	18
1.1 A língua e suas variações no Brasil	18
1.2 Variação linguística com Labov	20
1.3 Variação linguística na Libras	22
1.4 Variação lexical na Libras	27
1.5 Variação Linguística entre CG e JP: Nosso Objetivo da Pesquisa	
CAPITULO II - CAMINHOS DA PESQUISA: A METODOLOGIA ADOTADA	37
3.1 Entre duas cidades a BR 230: a coleta de dados	40
3.2 A BR 230 entre duas cidades: perfis dos participantes	41
CAPÍTULO III - AS DESCOBERTAS DO INVESTIGADOR: A ANÁLISE DOS DADOS	44
4.1 Descrição da variação lexical encontrada	45
4.2. Gráfico para variação lexical	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua gestual-visual e para que aconteça a comunicação são utilizados gestos, expressões faciais e corporais. Utilizada pelas comunidades surdas brasileiras, é reconhecida no Brasil desde 24 de abril de 2002, pela Lei nº 10.436¹.

Chomsky (1970) já havia definido a linguagem como uma forma natural de comunicação do ser humano, que se comunica com outros seres humanos através da língua oral ou escrita. A partir desse contexto teórico, a Libras deve ser considerada como uma língua viva, mesmo que não seja de modalidade oral. Nesse sentido, tendo em vista que, assim como na língua oral existem variações entre palavras conforme a região em que o indivíduo está inserido, na Libras acontece da mesma maneira. Há diferença na existência entre as línguas orais e línguas visual gestuais, contudo, as duas carregam os mesmos princípios em sua constituição, o da variação lexical.

Sobre os estudos da variação linguística, não foram encontradas pesquisas sobre essa temática na Paraíba, pois este assunto da variação linguística ainda é pouco abordado nas pesquisas. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo explorar a variável linguística e extralinguística, agregando mais conhecimento para a abordagem deste assunto. Para investigação dessa variação linguística, utilizaremos a teoria sociolinguística variacionista (LABOV, 1972), ela se apresenta como um campo promissor com suas pesquisas sociolinguísticas em diferentes âmbitos da sociedade, como: idiomas variados, gêneros, escolaridade, etnias diversas e cidades, pois observa a existência das suas variações tem como base as ideias que as línguas são constituídas como basicamente heterogêneas e capazes de variações, como foram encontradas nas línguas naturais de estruturação e ligação de fatores linguísticos e extralinguísticos.

No âmbito da investigação, dois trabalhos importantes ajudaram em nossa pesquisa: Diniz (2010), que realizou uma pesquisa com intuito de investigar os registros em dicionários existentes no Brasil de mudanças fonológicas e lexicais ocorridas na Libras, e Silva (2014), que realizou uma pesquisa com intuito de investigar as variações nos sinais de MÃE e de PAI em Florianópolis.

Esta pesquisa, especificamente, tem como proposta de investigação a variação dialetal na estrutura lexical da Libras, e foi instituída a partir da observação da variação no uso da Libras entre Campina Grande e João Pessoa, na Paraíba, por meio de informantes surdos. Desse modo,

¹ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm .

desbravando a possibilidade de serem exploradas as variações entre duas cidades relativamente próximas no mesmo Estado.

Pensando nisso, este estudo tem como objetivos gerais investigar a variação lexical da Libras entre Campina Grande-PB e João Pessoa-PB e conhecer as influências históricas, sociais e culturais que promovem tais mudanças linguísticas no uso dos sinais.

Essa pesquisa tem o intuito de verificar como se dá a variação lexical da Libras, como objetivos específicos pontuais: 1) observar a variação entre as realizações dos itens selecionados, 6 sinais variantes, com o mesmo significado; 2) mostrar todo o processo encontrado; 3) avaliar a diferença qualitativa dos sinais e, então; 4) analisar cuidadosamente cada variação lexical entre CG e JP; por fim, 5) fazer análise comparativa dos sinais entre as duas localidades, apresentando quadros com os resultados, com uma descrição linguística dos sinais coletados e também apresentar em gráfico os resultados obtidos.

A variação lexical é o que será tratado neste estudo na região da Paraíba, considerando as variações que podem ser encontradas entre Campina Grande e João Pessoa. João Pessoa (JP) é a capital da Paraíba, polo turístico todas as épocas do ano, pelos motivos das suas belezas naturais, como suas praias, e pontos turísticos, como os centros históricos. Mas, também é muito próxima a Campina Grande (CG), que é a maior cidade do interior do estado, sendo conhecida mundialmente por ter as principais atrações e o maior período para a festa de São João, com isso atrai muitos viajantes na temporada junina, como também fundou o primeiro curso presencial superior em Letras-Libras do estado, situada na Universidade Federal de Campina Grande. São 127 km de distância entre elas, porém há evidências da existência da variação linguística entre as duas localidades, mesmo não sendo tão distante uma da outra, é o que será defendido no decorrer da pesquisa. Também pelo motivo das duas serem as mais desenvolvidas da região, sendo assim influenciadoras linguísticas das cidades de suas circunvizinhanças. A partir desse contexto, nossa questão de pesquisa foi: Quais variações lexicais são possíveis serem encontradas nos usos dos grupos investigados de Campina Grande e de João Pessoa?

Segundo Stobel e Fernandes (1998), esta heterogeneidade acontece, pois a Libras é uma língua natural, logo a variação é algo comum. Karnopp (2013) afirma que as variações linguísticas nas línguas de sinais ocorrem por diversos fatores: faixas de etárias, gênero, grau de contato com a comunidade surda, etc. Ao observarmos alguns sinais utilizados no Nordeste e no Sul do Brasil, por exemplo, fica clara a existência desta variação.

Não é muito difícil de encontrar as variações linguística entre as cidades, tendo em vista, que cada localidade possui características próprias daquela região, contudo, o campo de

pesquisa sobre as variações na Libras ainda é muito escasso academicamente, principalmente quando a localidade em questão se trata da Paraíba, ainda há um vácuo que não foi estudado. Por este motivo, esta pesquisa tem como foco duas cidades importantes e influentes, que mesmo estando localizadas no mesmo Estado ainda conseguem ser tão distintas linguisticamente, agregando mais valor cultural à Libras.

Para a presente monografia foram levantadas as seguintes hipóteses: não é preciso ir longe para que ocorram variações linguísticas na Libras, a variação lexical está inserida em cada cidade, com isso, cada estado possui suas próprias variações, pois, como já dito, a Libras é uma língua humana.

Em seguida, apresentada a metodologia da pesquisa realizada no período de abril de 2021 a outubro de 2021, baseada na metodologia Laboviana, porém, adaptada a realidade da pesquisa, por razão da comunidade surda ser minoria, por isso foram poucas pessoas surdas que aceitaram e autorizaram participar da entrevista com um pesquisador por videoconferência. Os dados analisados realizados pelo pesquisador, tem como *corpus* a sinalização de 4 variantes de CG e de JP. A faixa etária focalizada foi de 21 a 29 anos, e são analisadas as realizações apresentadas nos 19 itens com sinalizações lexicais espontâneas, sendo assim, o entrevistador somente apresentou a palavra em escrita no PowerPoint, não sinalizou antes para não influenciar a resposta. Foram apresentadas 7 palavras e 12 palavras com imagens, mas apenas 6 sinais foram utilizados para a análise desta pesquisa, as outras serão apresentadas futuramente em outro trabalho.

No que concerne à organização deste trabalho monográfico, ele está dividido em 3 capítulos, como será exemplificado a seguir.

No Capítulo I, intitulado de “**Panorama geral dos estudos sobre variação linguística**” será explanado o acontecimento da variação linguística na Libras a partir das seções “**A língua e suas variações no Brasil**”, “**Variação linguística com Labov**”, “**Variações linguísticas na Libras**” e “**Variação lexical na Libras**”, nelas discutiremos e mostraremos a importância dos dicionários de Libras, principalmente, pela razão do acontecimento lexical, mostrando exemplos dos estudos realizados pelo pesquisador Silva (2014), que usou como base a proposta de Labov (1972). Ainda neste capítulo será apresentada a explicação as sobre variações no Brasil, a partir a pesquisa realizada por Romano e Cá (2020). No Tópico 1.5, que nomeamos de “**Em busca da variação linguística entre CG e JP: nosso objeto da pesquisa**” abordamos a variação lexical como um fato linguístico resultado de fatores como proibição da língua de sinais na história dos surdos, da distância geográfica entre as duas cidades, diferenças culturais

entre as duas cidades, JP é capital e CG interior e, as influências que cada cidade recebeu dos dicionários de Libras acessados por seus surdos.

No Capítulo II, tratado de “**Caminhos da pesquisa: a metodologia adotada**” apresentamos nas seções “**Entre duas cidades a BR 230: a coleta de dados**” e “**A BR 230 entre duas cidades: perfis dos participantes**”. Nestas duas seções, mostramos como nosso estudo tem base no modelo da metodologia Laboviana. Porém, com o ocorrido da pandemia por COVID-19, se fez necessária a adaptação da mesma, definindo que a organização e execução da pesquisa seria remota em todas as etapas, e que seriam seguidos para coleta de dados contatos a partir de perfis dos participantes via *google meet* e *zoom*. Os perfis dos participantes são apresentados a partir de suas formações sexo, idade, tipo de surdez, formação e aquisição da Libras.

No capítulo III, nomeado de “**As descobertas do investigador: a análise dos dados**”, nos dedicamos ao detalhamento do procedimento analítico para que fosse possível explicar, a partir dos dados quantitativos, as diferenças encontradas realização dos sinais e a identificação dos motivos que constituíam a ocorrência para maior variação lexical entre as duas localidades. Fez parte desse processo a análise dos gráficos que quantificam a utilização dos sinais próprios de cada região.

Por fim, nas **Considerações finais** estão explanadas nossas colocações sobre os objetivos alcançados pela pesquisa e a determinação da existência da variação lexical entre duas regiões e apresentação a comprovação da análise dos resultados, sendo a importância desta pesquisa como é um campo inexplorado que tem a capacidade de proporcionar diversas descobertas de sinais para a área das variações lexicais.

A cada capítulo será apresentada a base teórica, os fundamentos das variações linguísticas e a situação linguística da Libras, como forma de proporcionar uma melhor compreensão sobre a temática encontrada nos dados identificados, conforme será exibido ao longo desta monografia de pesquisa.

CAPÍTULO I - PANORAMA GERAL DOS ESTUDOS SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Esta seção tem como objetivo dar embasamento teórico para a pesquisa realizada, com intuito de que este trabalho sirva de fortalecimento cultural para a Libras, como também seja referência para outros projetos de pesquisa.

1.1 A língua e suas variações no Brasil

Ao tratarmos de Língua, no Brasil, temos a Língua Portuguesa como a língua oficial de modalidade oral-auditiva, com suas estruturas e regras gramaticais, pois

Com a promulgação da Constituição de 1988, passou o país a contar com uma definição constitucional de uma língua oficial. O art. 13 da Constituição determina: “A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”. (SANTOS, 2009, p, 257).

Observando a citação, podemos dizer que a Constituição coloca o Brasil como monolíngue, no entanto, a língua portuguesa recebeu tantas influências das outras línguas presentes no território nacional ao longo da sua história que a comunicação cotidiana é feita de casos diferentes de palavras possuem o mesmo significado. São essas diferenças motivadas, inclusive, por questões geográficas. Por exemplo: “mandioca” que é uma raiz comestível assim conhecida no estado de São Paulo, nas regiões norte e nordeste é conhecida como “macaxeira” e, nas regiões sul e sudeste, como “aipim”. Romano e CÁ (2020, p. 116) realizaram uma pesquisa que deixa explícita constituição dessa variação lexical:

Observam-se dois cenários distintos: a presença predominante do item mandioca nas localidades paulistas e mineiras com quase nenhuma concorrência de aipim; ao passo que, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, esta variante predomina em ambos os estados com liderança, sobretudo, nas localidades fluminenses com 64.79% de representatividade e 56,52%, respectivamente. Nesses estados, contudo, o item aipim concorre com mandioca em 32.39% das respostas dos fluminenses e 39.13%, dos capixabas. (Romano e Cá, 2020, p.116).

Estas conclusões sobre as variações são bastante difundidas nos compêndios dos estudos linguísticos no Brasil há algum tempo. Fiorin (2006, p.8), um dos principais teóricos da ciência da linguagem, tem dentre seus interesses estudos sobre a língua, a competência, a variação, a mudança e o uso. O principal objeto dessa pesquisa será a variação linguística da Libras

acontecida entre as cidades de CG e JP. Para tal, foi realizada uma investigação em formato de descrição e análise comparativa lexical no uso da Libras.

Mesmo a Língua Portuguesa sendo a língua oficial do Brasil, para os sujeitos surdos o português é instituído como sua segunda língua. Por este motivo, a Libras é constituída como sua primeira língua, esta que também tem suas especificidades linguísticas, que formam sua estrutura fonológica, morfológica e sintática, pois muitos já são os estudos dos

casos de fenômenos característicos de alguns dos componentes linguísticos que formam a Gramática de Libras, a saber, construção dos sinais, variações do léxico, neologismos, entre outros no campo fonológico e morfológico; e ordem e reordenação sintática, contextos de coordenação (parataxe) e de subordinação (hipotaxe) etc. no campo sintático. (CARDOSO, 2020, p.2).

Cada país possui sua história, cultura, lutas e conquistas, com isso também conquistaram sua própria língua. Todos os países possuem uma língua instituída como nacional, no caso esta regra serve para os ouvintes, mas para os surdos, cada localidade possui uma língua de sinais própria, no entanto o status de reconhecimento linguístico da língua de sinais só aconteceu a partir de 1960.

As línguas de sinais já passaram e ainda passam por um processo de lutas e conquistas, sendo uma das piores fases o período de 1880 quando foi decretado pelo Congresso de Milão que a língua de sinais estaria proibida, não podendo mais ser utilizada pela comunidade surda, nem fazer parte do interesse de pesquisadores da educação de surdos.

Diante desse cenário que a história construiu por consequência da proibição linguística aos surdos, em 1880, os surdos de todo mundo só poderiam se comunicar obrigatoriamente através da língua oral, fugindo da perspectiva que temos hoje, em que a língua de sinais é a primeira língua dos surdos. Os resultados da negação de uso da língua de sinais foram muito danosos para nós surdos.

Assim, a língua de sinais ainda está em processo de popularização e os estudos só retornaram em 1960, ocasionando, tanto atraso inexplicável para a educação e alfabetização dos surdos quanto para os estudos sobre as línguas de sinais, que só mais recentemente começaram a ganhar visibilidade.

No contexto de falta de uma língua instituída, os surdos de cada região criaram seus próprios gestos com intuito de comunicar-se, como mostra o trabalho de Ferreira-Brito (1995, p.2):

As línguas de sinais são línguas naturais porque, como as línguas orais, surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico,

concreto, abstrato, enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.

Em 1960, Stokoe começou seu estudo da linguística da língua de sinais a partir da observação de que os sinais possuem diferentes critérios para as unidades formadoras, descreveu a existência de três parâmetros que se adequam à estrutura da Língua de Sinais Americanas (ASL), evidenciando que a língua de sinais não deveria ser considerada linguagem e sim língua, visto que dispõe na sua gramática, três parâmetros constituidores de suas unidades mínimas, sendo eles a Configuração de Mão, Locação e Movimento, buscando comprovar que a língua de sinais não se tratava de linguagem e sim de uma LÍNGUA própria. Suas descobertas impulsionaram outros pesquisadores a se interessarem pela área, complementando mais um quarto parâmetro: a Orientação da Mão por Battison (1974), logo após mais uma descoberta incrementou o quinto parâmetro: Expressões Não-Manuais por Baker (1983). Então, diferentemente das línguas orais, compostas por fonemas orais, a língua de sinais tem estrutura fonológica manual, assim como tem o princípio da organização e a estrutura sintática de sinalização simultânea.

A partir destes pontos de vistas, será apresentado a seguir o embasamento do trabalho do pesquisador linguístico Labov, um dos influenciadores da pesquisa no campo da sociolinguística.

1.2 Variação linguística com Labov

Esta pesquisa se baseia na proposta teórica de investigação em sociolinguística de William Labov (1972). O ponto de vista do autor e de seus métodos de investigação metodológica serviram de orientação para a seleção de sujeitos de pesquisa, tratamento, coleta e análise de dados, sendo seu trabalho referência para a investigação aqui realizada e utilizada para descrever e analisar a variação linguística na Libras existente entre CG e JP.

Labov iniciou sua carreira como linguística nos Estados Unidos da América com pesquisas ligadas ao contexto social das comunidades falantes. Através da investigação sobre variação fonológica descobriu variação linguística, tornando-se um dos pesquisadores mais importantes na área da variação linguística, sendo um dos pioneiros a dar introdução a temática e, tornando-se, assim a referência para outros pesquisadores.

Para Labov (1972), o estudo da origem da evolução da linguagem, que é a ciência que estuda a parte da linguística incluída no contexto social, é buscado no comportamento

linguístico de um grupo social, ou seja, de uma comunidade falante. A língua é uma forma de comportamento, é usada por seres humanos ao expressarem uns aos outros suas ideias, anseios, necessidades e emoções. Sendo assim, o comportamento linguístico de um grupo pode variar de acordo com as experiências vividas numa dada comunidade (SILVA, 2020, p.20).

A metodologia na pesquisa de Labov consiste em gravações espontâneas com seus entrevistados com um gravador de voz, porém os entrevistados não sabiam que estavam participando de uma entrevista, tinham o pensamento que se tratava de uma conversa cotidiana comum. Labov fez várias gravações com pessoas da mesma comunidade, com finalidade de investigar e comprovar a existência da variação fonológica, então os indivíduos que são naturais de uma localidade possuem suas próprias características, ou podem adquirir através do contato com outras culturas.

A variação linguística que ocorre nas línguas orais também ocorre nas línguas de sinais, como por exemplo quando indivíduos de duas localidades se encontram, como é o caso da comunidade surda de CG e JP.

Todos seres humanos possuem sua própria característica comunicativa, com os surdos não é diferente, cada um possui seu jeito de sinalizar, um "ídioteo", e quando diferenças se encontram não há certo ou errado, pois é a individualidade de cada um.

Labov percebeu que numa mesma comunidade de fala, as pessoas tendem a apresentar variações na fala, e até mesmo um único indivíduo, a depender do contexto em que se encontre, pode variar a maneira como fala. Ao investigar tais variações, o autor descobriu que havia padrões na variação, e que elas não eram meros acidentes de fala, como propunha Saussure (2006). Esta variação era inerente ao sistema da língua e não só da fala. Enquanto Saussure propunha que a fala é heterogênea e a língua homogênea, Labov (1972) afirma que a língua é heterogênea, já que comporta diversos padrões. A variação, sendo sistemática, está passível de investigação e passa a ser também objeto da linguística (SILVA, 2020, p.21).

Nesse sentido, no sistema da Libras há variações de sinais e o que veremos na seção a seguir serão os estudos que já foram realizados no Brasil.

1.3 Variações linguísticas na Libras

As variações linguísticas na Libras acontecem como em todas as línguas naturais, quando os sujeitos entram em contato com outras formas de sinalização, recebem diferentes léxicos, com isso, absorvem mais diversidade para dentro de sua comunidade surda, este é um processo natural neste âmbito. Sobre a variação linguística na Libras, esta é uma temática

complexa, pois não existe somente uma razão ou uma causa que motive o acontecimento das variações, existem diversos fatores que podem influenciar, como: contato com a comunidade surda de sua região, fatores históricos, gênero, faixa etária e escolaridade. Para quem possui o conhecimento sobre a temática aqui abordada, tem a compreensão histórica de que os surdos são minoria linguística, a partir disso, outro fator que influencia tal mudança se dá pelo regionalismo, estes se tornam fatores linguísticos e extralinguísticos, conceitos determinantes para analisar as variações na Libras. Esta língua é o símbolo da resistência para todas as comunidades surdas, pois produziram mais que uma língua, criaram também uma cultura. Portanto, toda variação linguística deve ser respeitada, por razão de se tratar de um processo natural da língua, que os novos sinais e os variados de cada região, mesmo que sejam diferentes, mas possuem o mesmo significado.

A Libras começou sua trajetória quando Huet veio ao Brasil, em 1855, para a criação do Imperial Instituto de Surdos-Mudos, hoje renomeado como Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), localizado na capital do Rio de Janeiro. O Instituto começou suas atividades em primeiro de janeiro de 1856, mas só foi conhecido em 1857, pois Huet solicitou ao imperador que o Instituto tivesse outras acomodações, porém só em 26 de setembro de 1857 D. Pedro II autorizou a mudança para outra sede, com melhores acomodações com objetivo de melhorar o aprendizado dos alunos surdos, está atitude se tornou um marco histórico.

O professor Huet ensinou a língua de sinais para seus alunos, contudo, não era Libras e sim a língua de sinais francesa (LSF), pois, Huet era um surdo natural da França. O mesmo trouxe seu dicionário para lecionar através dele, por este motivo, nesta época, os surdos brasileiros começaram a utilizar a comunicação na língua de sinais de francesa, porém, antes de sua chegada, para se comunicarem entre si, os surdos já utilizavam gestos combinados entre membros de suas comunidades surdas, em suas regiões de origem. Em 1861, Huet, por motivos pessoais, solicitou sua saída do Instituto, logo após mudou-se para o México.

Na época da diretoria de Sr. Tobias Leite no INES, em 1875, Flausino Gama, aluno do INES, deu continuidade ao ensino da língua de sinais, fazendo uma reprodução do dicionário *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, que possui representação dos sinais por meio de imagens para escrita em português, fiel a outro dicionário a *Iconographia da Língua de Sinais Francesa*, do surdo francês Pierre Pélissier, escrito em francês. É uma cópia idêntica do mesmo, exposto na Biblioteca e Acervo do INES. Foi o primeiro dicionário de Libras original a está na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Sendo assim, o primeiro dicionário dos surdos do brasileiro Gama, em 1875, no qual se deu a disseminação de uma sinalização mais padronizada, primórdios de nossa Libras. A partir desses acontecimentos, se deu o início da popularização da língua de sinais no Brasil, contudo, todo o trabalho simplesmente foi abafado, pois, pouco tempo depois, ocorreu Congresso de Milão, em 1880, do qual se deu na proibição da língua de sinais em todos os países.

Durante quase 100 anos os surdos tiveram que se comunicar clandestinamente pela língua de sinais, sendo obrigados a aprender a oralizar, pois os ouvintes acreditavam que essa língua era um atraso social e educacional na vida dos surdos, causando exclusão, somente com a oralização poderiam ser integrados na sociedade. Após esse período, a língua de sinais voltou a ser reconhecida. Pelo longo período de clandestinidade a mesma sofreu alterações, reformulação ou adaptação, inclusive temos, agora, a identificação de alguns sinais do dicionário de Gama que não eram mais utilizados.

A proibição linguística para nós surdos apesar dos prejuízos vividos e sentidos por nós surdos só começou a ser revista depois dos estudos de W. Stokoe (1960). Assim, na segunda metade do século XX, começam a haver congressos sobre a educação de surdos e as línguas de sinais. A citação a seguir ilustra o início dessas discussões e as mudanças possibilitadas no momento:

[...] Nesse congresso foram também discutidos resultados de pesquisas realizadas nos EUA sobre “comunicação total”. No ano de 1975, por ocasião do congresso seguinte, realizado em Washington, já era evidente a conscientização de que um século de oralismo dominante não serviu como solução para a educação de surdos. A constatação de que os surdos eram subeducados com o enfoque oralista puro e que a aquisição da língua oral deixava muito a desejar, além da realidade inquestionável de que a comunicação gestual nunca deixou de existir entre os surdos, fez com que uma nova época se iniciasse no processo educativo dos surdos (VELOSO e MAIA, 2009, p.48).

Agora serão apresentados os quatro dicionários principais da educação da Libras: o primeiro em 1875 o dicionário *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (Figura 1) reproduzido por Flausino Gama, até os dias de hoje uma minoria dos sinais ainda é utilizada. O próximo lançamento foi em 1969, divulgando o segundo dicionário *Linguagem das Mãos* (Figura 2) do Padre americano Eugênio Oates, que foi missionário americano da Congregação Redentorista no Brasil e, em 1946, visitou cada região do país para trabalhar a educação/evangelização dos surdos. Este dicionário se tornou necessário para instruir os surdos a terem uma boa comunicação, para compreender e conseguirem comunicar-se com os ouvintes. Em 2002, o terceiro livro foi lançado, o *dicionário de Libras Ilustrado* (Figura 3) da Secretaria

de Educação do Governo de São Paulo e, em 2006, o quarto dicionário divulgado foi do INES, sendo agora na versão *digital da Libras* (Figura 4), produzido por uma equipe de profissionais surdos e ouvintes. Nesta época, a Libras começou a ser conhecida como língua, pois em 2002 a Libras havia sido legalizada no Brasil, com isso, dando início a propagação da língua. Esse dicionário até os dias de hoje ainda está disponível online.

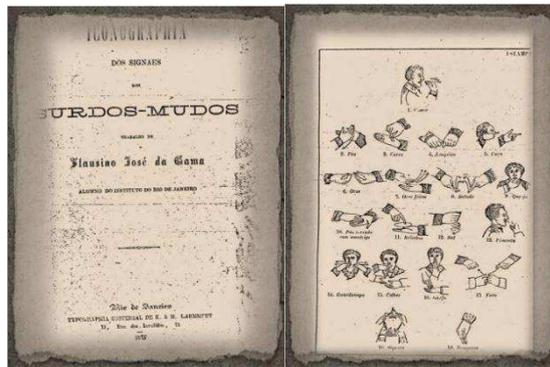


Figura 1: *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*

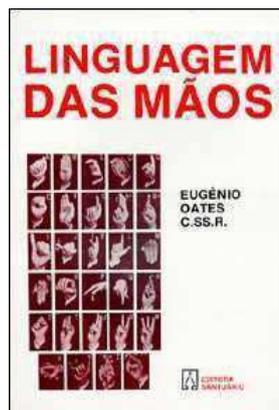


Figura 2: *Linguagem das Mãos*



Figura 3: *Dicionário de Libras Ilustrado (CD-Rom)*

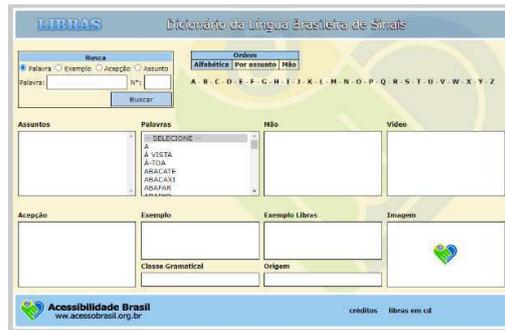


Figura 4: Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais

Com base nestes quatro dicionários de língua de sinais, podemos observar a constituição da Libras em épocas diferentes. Pode acontecer de os surdos de faixas etárias diferentes encontrarem-se e, com isso, sinais diferentes de mesmo significado aparecerem nos diálogos. As comunidades surdas têm conhecimento que cada faixa etária tem domínio de seu próprio dialeto ao se comunicar, adicionando mais elementos para enriquecem a Língua Brasileira de Sinais.

Porém, para chegar à consciência de escolha lexical por faixa etária e a chegada do reconhecimento legal da Libras em 2002, os surdos passaram por muitas fases diferentes de uso da língua de sinais, desde sinais caseiros até a busca por conhecimentos mais formais como pelos os dicionários e adaptavam para sua região.

Um exemplo são relatos dos surdos que vivenciaram em décadas passadas suas primeiras relações com a língua de sinais. Estas buscas por comunicação ocorreram em cada Estado e cidade onde os surdos escolhiam um dicionário e ou uma mistura sinais com outros dicionários, pois nessa época não havia um dicionário único padrão para todos Estados, pelo motivo de não haver meio de comunicação sinalizada que viabilizasse o contato entre os surdos de outras localidades. Os dicionários mais conhecidos são do Rio e São Paulo, por razão de possuírem muitas pesquisas sobre língua de sinais no Brasil, com isso, cada comunidade surda optou por utilizar um dentre os quatro dicionários existentes, cada um, em uma época diferente, a escolha não foi feita em decorrência da análise, escolhendo o que melhor se destacou, mas sim aquele que os surdos conseguiram ter acesso, tendo em vista que a informação na época era restrita, principalmente pela falta de acessibilidade a outros surdos e a escolha de vocabulários para comunicação utilizados por eles.

A região de CG optou por seguir o dicionário de Oates. A partir dos relatos de surdos mais velhos da cidade, que eram adolescentes e jovens nas décadas de 1980 e 1990, surdos que

viajavam compraram o livro-dicionário, estudavam os sinais e repassavam pessoalmente aos surdos e ouvintes da localidade.

Sendo assim, a região sofreu mais influência deste do que dos outros dicionários. Já a região de JP, segundo relatos dos seus surdos mais velhos, estas gerações 1980 e 1990, utilizaram mais os sinais do terceiro e quarto dicionário, porém, também podem ter tido influência de outros dicionários. Até os dias de hoje, o primeiro dicionário lançado ainda é aplicado na comunicação, porém, só em alguns sinais, contudo, a maioria dos outros sinais do livro foram modificados com o passar do tempo. Por sua vez, o segundo dicionário ainda é o mais utilizado, entretanto, alguns sinais mudaram sua forma fonológica, alguns sinais mudaram a forma fonológica de seus parâmetros, como também aconteceu mudança lexical e cada localidade utiliza o sinal de forma diferenciada, com isso, pode influenciar outro indivíduo.

A mudança de sinais na forma fonológica e lexical na Libras foi pesquisada por Diniz (2010), que concluiu que, provavelmente, a comunidade surda procura o sinal que sinta melhor conforto linguístico, por esta razão, aconteceu a mudança de alguns parâmetros fonológicos da Libras, o que também explica as razões de os surdos fazerem novos sinais para substituírem os antigos.

Depois do ano de 1980, a comunidade surda brasileira iniciou os estudos linguísticos tomando Stokoe como modelo e, ainda lutando politicamente para mostrar possuir a língua brasileira de sinais. Nessa época, apesar dos estudos sobre a língua de sinais terem sido iniciados, a sociedade brasileira ainda não sabia do que se tratava a língua de sinais, pensavam que era somente gesto ou uma linguagem.

A partir da conquista dos espaços de comunicação e pesquisa se deu início a uma nova jornada, as pesquisas linguísticas sobre língua de sinais no Brasil com a professora Lucinda Ferreira Brito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na década de 1980, com sua equipe de profissionais surdos e ouvintes. Estas pesquisas foram pioneiras no campo da língua de sinais do Brasil. Logo depois, Ana Regina e Souza Campello, uma surda que iniciou sua pesquisa estudando a Libras e todos seus aspectos em 2005, dessa forma entrando para a história.

A Comissão de líderes surdos com as comunidades surdas, as associações de surdos, inclusive a Feneis, com os linguistas ouvintes, lutaram para mostrar provas de que a Libras é uma língua, igualmente como a língua oral. Até o momento em que o presidente Fernando Henrique Cardoso assinou, em 2002, a Lei 10.436, que foi aprovada e reconhece a Libras, dando direito a uma comunicação e direitos linguísticos dignos aos surdos, também deixando livre para quem tiver interesse em aprender e descobrir as diversas influências de como cada

comunidade, em sua determinada região, buscou seus próprios sinais e o modo que isso refletiu na variação fonológica e lexical naquela época que repercute até a atualidade. Segundo Campello (2009):

É interessante notar em que medida começa a historicizar a Língua de Sinais Francesa – LSF aqui no Brasil e sua influência, como uma “língua do colonizador, instrumentalizada, possuidora de uma tradição escrita ocidental latina – a divisão saber / conhecer, conhecer / legitimar...” (MORELO, 2001). A língua de sinais, como uma das modalidades gesto-visual, conta com os empréstimos de sinais brasileiros, regionais (não documentados) e linguísticos em diferentes níveis, tais como: léxico, variações regionais e sinais convencionais. E, com isso, envolve também a cultura e a identidade surda, assim como a sociedade ou comunidade surda que, historicamente, foi construída e estabelecida em um grupo ou um “povo surdo”. (p. 5)

Portando, a oficialização da língua de uma comunidade surda minoritária, é uma importante forma de reconhecimento e de empoderamento da cultura, historicamente, foram estigmatizadas como incapazes de expressar informação. A partir do reconhecimento da língua de sinais percebeu-se uma crescente ampliação do uso da Libras em diferentes contatos e regiões nos quais os surdos transitam.

Sendo assim, se cada cidade possui dialetos diferentes e sinais que são diferentes, a comunicação acaba tornando-se complexa, dificultando o entendimento para pessoas que sabem falar em Libras e até mesmo para os próprios surdos que moram em outra cidade, exceto no contexto informal em que, ocasionalmente, é possível compreender alguns sinais utilizados. Porém, no contexto formal como congressos, seminários, palestras, ambientes públicos, situações políticas, deveria haver um padrão dos sinais para todas as regiões, para facilitar a compreensão do que está sendo exposto. Queremos dizer que o mesmo acontece com os falantes/ouvintes que moram em uma determinada região e estabelecem contato com outra cidade que possui diferentes palavras em seu dialeto, com isso, é criada uma dificuldade para compreensão do significado de determinada palavra, esta consequência depende especialmente do contexto da conversa.

E, pelo fato de os sinais serem diferentes, nem todos os surdos conseguem se entender e compreender perfeitamente uns aos outros, como acontece com um surdo que mora na Paraíba e vai passear em Pernambuco. Nesse caso, ele vai conseguir se comunicar, enfrentando dialetos totalmente diferentes dos seus sinais, porém conseguirá estabelecer o diálogo de forma normal, mas, às vezes, mal entender, porque o uso de um sinal diferente pode mudar todo o sentido, apesar de não acontecer sempre.

Devido a este caráter de ordem heterogênea, nas línguas naturais, pode ser identificado um fenômeno linguístico denominado variação. As línguas de sinais, por serem naturais, apresentam tais manifestações. Segundo Bagno (2007) e Karnopp (2013), existem fatores sociais ou extralinguísticos que podem proporcionar a identificação do fenômeno variação linguística, são eles: origem geográfica, grau de escolarização, faixa etária e gênero. Sobre este fenômeno na Libras, as pesquisadoras da Libras dizem que:

A variação existe nas línguas humanas, sejam elas línguas faladas ou sinalizadas, é em grande parte sistemática. Os fatores linguísticos que condicionam a variação estão relacionados às características da variável em questão, ao ambiente linguístico em que ela ocorre, à sua função ou com características do discurso onde ela é produzida. Enquanto muitos fatores sociais que condicionam a variação são os mesmos para língua faladas ou sinalizadas, como região, idade, sexo classe socioeconômica, etnia; outros fatores parecem ser específicos da variação das línguas de sinais, tal como a linguagem utilizada em casa, os sinais caseiros, entre outros. (PIZZIO, REZENDE E QUADROS, 2010, s.p.)

Neste sentido, as variações linguísticas são naturais da nossa humanidade, por isso existem diversos fatores que, na língua de sinais, têm influência na sinalização de uma região. Assim, entendendo o surgimento, origens e influências na Libras no Brasil, fica claro o motivo das variações estarem presentes atualmente nas diversas regiões do país. A seguir será apresentado o que são as variantes lexicais na Libras.

1.4 Variação lexical na Libras

A variação dialetal na estrutura lexical da Libras ainda não é amplamente estudada e conhecida, por isso não há uma pesquisa clara que possa nos dizer com certeza seu conceito, porém, com base nas investigações já realizadas, é possível afirmar que alguns indivíduos utilizam da palavra no sentido pejorativo, com o intuito de diminuir a cultura/sinal de outra região, podendo gerar um desrespeito mútuo, pois podem criar a discussão do que é e do que não é língua. Como já mostrado anteriormente, não é o intuito desta pesquisa defender esta tese, pois cada localidade deve possuir suas próprias variações, são elas que agregam mais valor cultural à língua, porém ainda não existem pesquisas realizadas no campo dialetal na Libras que pudessem ser utilizadas como embasamento, sendo assim, atualmente, ainda, um campo completamente inexplorado.

A sociolinguística não usa a palavra "dialeto" nesse sentido pejorativo. Para a sociolinguística, "dialeto" quer dizer, simplesmente, *uma variação regional*. É importante notar que o uso técnico da palavra quer dizer uma variação *regional*, e não

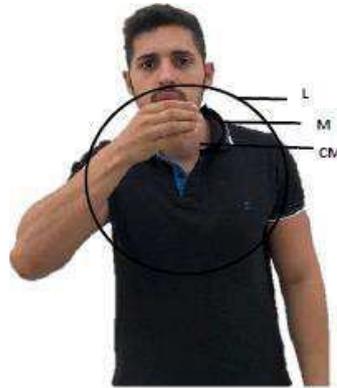
outros tipos de variação, que têm outros nomes. Mas, mesmo assim, mesmo com essa definição técnica, e mesmo para a sociolinguística, é difícil definir exatamente o que é um *dialeto*. (McCLEARY, 2009, P.12)

Antes dar início a explanação sobre a variação fonológica da Libras, é preciso ter o entendimento de como ela funciona, porém não será discutido o conceito dialetal, somente enfatizado o contexto lexical. Portanto, inicialmente é preciso saber que a forma lexical é a maneira que o sinal é apresentado. O léxico na Libras funciona como a representação da base estrutural fonológica da língua de sinais em cinco parâmetros simultâneos: Configuração de Mão, que corresponde as formas das posições das mãos durante realização de um sinal; a Localização no espaço, que corresponde ao local onde é realizado o sinal, seja tocando o corpo, ou no espaço neutro; o Movimento, que também representa as formas que as mãos se movimentam. Seguindo estes três parâmetros, o quarto e quinto parâmetros são: a Orientação da palma da mão, que correspondente as diferentes posições das palmas das mãos na execução dos sinais, juntamente com as Expressões Faciais, que correspondem às expressões do rosto realizado no momento da sinalização. Dessa forma, reunindo todos os parâmetros cria-se o sinal, com isso, conseqüentemente, criando o léxico. Saber teoricamente como esse processo de criação do sinal ocorre serve para dar ao surdo a compreensão sobre a sua língua. O fortalecimento teórico ajuda no fortalecimento da língua de sinais.

Por enquanto, os estudos fonológicos e lexicais das línguas orais são baseados em como o som da voz é produzido e como o som é recebido pelo canal auditivo, trazendo este estudo para a área da Libras, as formas das mãos, os movimentos e como são realizados os sinais podem ser comparados à voz, assim, a recepção da mensagem da audição é substituída pela recepção da visão, a diferença é só a mudança nas modalidades, contudo, cada uma possui suas próprias estruturas. Por isso, estudiosos dizem que “Línguas de sinais se assemelham às línguas orais em todos os aspectos principais, mostrando que verdadeiramente há universais da linguagem, apesar de diferenças na modalidade em que a língua é a realizada.” (FROMKIM e RODMAN, 1993 apud QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 81).

Neste estudo passamos a apresentar uma descrição fonológica da Libras seguindo o modelo de Stokoe, que iniciou os estudos com a língua de sinais americana, e, no Brasil, em 1995, foi seguido por Ferreira Brito, e, posteriormente, outros autores como Quadros e Karnopp (2004). Neste momento, será apresentado um exemplo de formação lexical com o sinal de “COPO” e como a construção fonológica da língua de sinais é basicamente produzida pelas mãos, como no exemplo da figura 5 a seguir:

Figura 5: Os parâmetros fonológicos da Libras



Fonte da imagem: SILVA 2020, p.29 (baseado em Ferreira 1990, p.23)

Há uma diversa variedade de sinais que a comunidade surda utiliza no Brasil, porém há algumas comunidades que não possuem contato com alguns sinais originários das primeiras comunicações sinalizadas da região, isso acontece porque o sinal já passou por um novo processo e agora o sinal se tornou uma variante, que já vem sendo utilizada pela comunidade que pode lembrar o sinal aprendido com o dicionário acima citado, como também pode acontecer de o sinal ter sido alterado ou sofrido empréstimos linguísticos. Igualmente, tempos longos podem levar a mudanças fonológicas e lexicais dos sinais, por isso, agora será apresentado um exemplo desta mudança. O estudo realizado por Diniz (2010) foi responsável por documentar o *corpus* dos dicionários e sua comparação entre os sinais dos dicionários e suas descobertas.

Figura 6: Sinal “CADEIRA” em Libras no dicionario Iconographia, Oates e INES.

Sinal	Iconographia	Oates	INES
“Cadeira”	 CADEIRA	 CADEIRA	 CADEIRA

Fonte da imagem: Diniz (2010, p.91)

A partir da pesquisa de Diniz (2010), foi possível identificar que o dicionário de Iconographia não possui mais a relevância que tinha em sua época, conseqüentemente, não teve muita influência para as referências do dicionário de Oates que, em sua maioria, não traz semelhança com os sinais do referido dicionário. Da mesma forma, o dicionário do INES, pois cada dicionário pode influenciar passando seus conhecimentos para futuros dicionários.

Nesse caso de manutenção da forma originária, em algumas situações, Iconographia conseguiram persistir na propagação de seus sinais, como pode ser notado no exemplo abaixo:

Figura 7: Sinal “LIVRO” em Libras no dicionario Iconographia, Oates e INES.

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 6			
LIVRO			
			LIVRO
	LIVRO	LIVRO	

Fonte da imagem: Diniz (2010, p.83)

Outro exemplo, é que mesmo não tendo muita relevância como antigamente, alguns de seus sinais perduram até os dias de hoje. Como pode ser observado no exemplo abaixo, alguns de seus sinais tiveram grande importância, pois tiveram êxito em influenciar os dois próximos dicionários, dessa forma perpetuando seu legado.

Figura 8: Sinal “BEBER” em Libras no dicionario Iconographia, Oates e INES.

Sinal	Iconographia	Oates	INES
"Beber"			

Fonte da imagem: Diniz (2010, p. 80)

A partir das reflexões feitas pelos fatos linguísticos apresentados acima, pode-se observar a mudança na língua de sinais. Cada região pode seguir utilizando diferentes dicionários como base para sua comunicação, buscando mais variedade para seus dialetos, com intuito de melhorar a compreensão da comunicação em Libras, por esta razão as mudanças são um processo natural e acontecem em situações que influenciam diretamente nas variações lexicais.

A variação lexical é advinda da variação linguística, que nada mais é do que um significado que por questões geográficas ou regionais, escolaridade ou situação social, ou identidade sexual, pode sofrer alteração em seu vocabulário através de fatores geográficos, culturais, contextos históricos e sociais, como também atualizações no vocabulário. Na Libras, também é possível identificar essas variantes que consistem em uma palavra que possuem vários sinais diferentes, mas todos possuem o mesmo significado.

Essas variações podem ser facilmente encontradas de Estado para Estado, mas também não é difícil identificar variantes dentro da mesma região, da mesma forma que também podem variar de indivíduo para indivíduo, pois cada sujeito possui suas próprias características que podem ter sido herdadas de geração para geração ou adquiridas de diversas regiões, assim como de época para época. Nesse sentido,

O léxico carrega as informações semânticas ou enciclopédicas, gramaticais e até fonológicas dos itens lexicais. Sempre que um novo item é inserido no léxico do indivíduo, um conceito, ainda que raso, é atribuído a ele pelo falante. Tais informações permitem que o falante crie associações entre os itens (SILVA, 2020, p. 41).

Um exemplo que pode ser pontuado é: No Sul, o sinal de MÃE tem sinal (Figura 2c) tocando no nariz representando a palavra MÃE, já no Nordeste é representando pelo sinal MULHER+BENÇÃO (Figura 2a), são sinais diferentes, porém possuem o mesmo significado. Um estudo foi realizado pelo pesquisador Silva (2014), no Rio Grande do Sul, sobre a variação

na utilização de sinais para PAI e MÃE. Foram identificadas três as variantes previstas para mãe e três para pai.

A figura 9, a seguir, demonstra a variação nos sinais de MÃE identificados por Silva (2014):

Figura 9: Variação nos sinais MÃE no Nordeste e no Sul



Figura 2a: Sinal MÃE, forma padrão, composta pela junção dos sinais MULHER+BÊNÇÃO.



Figura 2b: Sinal MÃE, forma não padrão, apresentada pelo sinal BÊNÇÃO, sendo que o sinal de MULHER foi suprimido.



Figura 2c: Forma não padrão do sinal MÃE (Florianópolis), dedo indicador toca duas vezes a lateral do nariz.

Fonte da imagem: Silva (2014, p. 5)

E, na sequência, vemos na figura 10 a variação entre os sinais de PAI também nas regiões Nordeste e Sul.

Figura 10: Variação nos sinais PAI nas regiões Nordeste e Sul



Figura 1a: Forma padrão do sinal de PAI, composto pela junção dos sinais HOMEM (1/2) + BÊNÇÃO.



Figura 1b: Forma não padrão do sinal de PAI, sinal soletrado.



Figura 1c: Forma não padrão do sinal de PAI, originário do Rio Grande do Sul.

Fonte da imagem: Silva (2014, p. 5)

As figuras acima são exemplos de variação lexical e mostram o quão presentes estão as diferenças nos sinais utilizados entre surdos de estados diferentes. Os resultados apontam em “MÃE” uma diferença de itens lexicais em entre figura 2a (Nordeste) e figura 2c (Sul), outra “PAI” entre figura 1a (Nordeste) e figura 1c (Sul). O pesquisador conclui que há uma diferença no léxico de comunidade surda do Nordeste e comunidade surda do Sul. No Brasil, a diferença entre a sinalização de Nordeste e Sul sempre foi motivo de estudo, afirma Silva (2014).

Destes exemplos apresentados, vemos que se faz necessário que mais pesquisas sejam realizadas, pois, quanto mais estudos sobre a variação lexical existirem para uma compressão dos fatores que podem influenciar as escolhas dos elementos sinalizados, mais os sinalizadores surdos terão consciência da Libras como língua.

A seguir, serão abordadas, especificamente, as condições de criação dos sinais em CG e JP, saindo de pesquisas generalistas sobre regiões e focando nos sinais utilizados no Estado da Paraíba e as influências históricas negação da Libras, da distância geográfica e cultural dos municípios, além dos dicionários aos quais os surdos adotaram para sua aprendizagem da Libras nos anos iniciais de abertura da sinalização no estado.

1.5 Variação linguística entre CG e JP: Nosso objetivo da pesquisa

O presente tópico busca apontar a variações lexicais existentes entre a comunidade surda de Campina Grande e a de João Pessoa, ambas as cidades na Paraíba, com objetivo de apontar, que a distância geográfica e cultural na Libras é fator de bastante variação lexical, colaborando para percepção e comprovação do caráter linguístico da Língua Brasileira de Sinais.

Um exemplo bem explícito desta variação da Libras é uma professora natural de João Pessoa que passou em um concurso para lecionar na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), ao dar início a sua aula percebeu que os alunos expressavam dúvidas em seus rostos, pois não estavam conhecendo os sinais que ela estava utilizando. Ao ser questionada pelos seus alunos, ela explicou que nunca teve contato com surdos de CG, sendo assim, só conhecia os sinais de JP. A partir deste momento, a mesma precisou adaptar sua fala² para que seus alunos pudessem compreender melhor suas aulas, não pelo sinal está errado, mas por não ser utilizado na cidade.

É importante ressaltar que a distância existente entre um lugar e outro não precisa ser grande, como no caso de Campina Grande e João Pessoa, que estão no mesmo estado da Paraíba, e mesmo assim é possível detectar a variação, pois dentro do mesmo Estado pode haver sinais que são articulados de maneira diferente. No estado da Paraíba, por exemplo: A sinalização “Bom dia” é dita de uma forma em Campina Grande, e na cidade de João Pessoa é sinalizada de outra. Assim, dentro do mesmo estado, há variações lexicais que modificam os sinais utilizados pelos surdos.

² No contexto teórico em que estamos fala e sinalização têm mesmo valor semântico. Os surdos ao usar sinais falam.

Investigar sobre a variação lexical da Libras pode ser bastante útil para desvendar questões linguísticas mais amplas. Nesse sentido, considerando a crescente mobilidade geográfica das pessoas surdas sinalizantes da Libras e a existência da variante regional em Libras, tornando-se importante verificar se há mudanças linguísticas significativas e como os processos de variações ocorrem. Na Paraíba, ainda são poucas as pesquisas sobre variação e mudança linguística da Libras.

Este trabalho objetiva apontar que distância territorial e/ou cultural são fatores determinantes para que aconteçam variações na Libras. Ao observarmos a Comunidade Surda situada em João Pessoa e a localizada em Campina Grande, separadas geograficamente por apenas 125 quilômetros, é possível perceber distinção na composição de alguns sinais. Este fato demonstra que, apesar das similaridades regionais e culturais existentes entre essas cidades, a variação lexical que se faz presente.

Os sinais selecionados para este estudo são utilizados por todos os surdos, independentemente da situação origem geográfica, grau de escolaridade, faixas etárias e gênero, o que possibilita verificar qual motivação está presente no uso das variantes desses sinais.

As cidades de Campina Grande e João Pessoa têm recebido surdos de várias partes do Brasil devido ao turismo e custo de vida mais barato, como também por ser um polo universitário, sendo, assim, atrativas para a migração de pessoas de outros estados. Atualmente, o acesso às novas tecnologias de comunicação por meio de videoconferência como redes sociais, Whatsapp, Instagram e Facebook, contribuem para o aparecimento de sinais variantes que podem levar a mudanças, pela troca e influência cultural de outros territórios.

CAPITULO II – CAMINHOS DA PESQUISA: A METODOLOGIA ADOTADA

Neste capítulo, para atender aos objetivos propostos e coletar os dados necessários à análise, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, exploratória, comparativa de campo.

A escolha para o desenvolvimento metodológico desta pesquisa foi de ela ser realizada no período de abril de 2021 a outubro de 2021. As entrevistas foram realizadas entre abril e maio de 2021; a investigação com descrição e análise foi realizada entre maio e outubro de 2021; o cronograma de planejamento de como seria o processo de trabalho com a metodologia foram estabelecidos em julho de 2020, quando começamos com a redefinição da aplicação do instrumento de pesquisa. As entrevistas com as pessoas surdas que colaborariam conosco seguia o modelo da metodologia laboviana, as entrevistas que deveriam ser gravadas pessoalmente, mas, com o acontecimento da pandemia por COVID-19, tiveram que ser alteradas para o modelo remoto, não sendo possível prosseguir com a maneira originariamente pensada.

Sobre a COVID-19, em 31 de dezembro de 2019, a China anunciava o primeiro caso de contaminação pelo novo coronavírus. Atualmente, faremos dois anos que o vírus ainda está ativo, e, em muitos momentos, o mundo “paralisou”. Escolas e estabelecimentos comerciais foram fechados, eventos cancelados, shows, turnês mundiais, premiações, missas, cultos e até cirurgias eletivas foram interrompidas.

No mundo, a pandemia impôs intensas medidas de isolamento social, escancarou o caos na saúde pública, trouxe impactos inimagináveis para a economia e infectou mais de milhões de indivíduos. Nos anos de 2020, 2021 e 2022, no mundo, foram mais de 6,07 milhões de mortes pelo vírus, sendo o primeiro país com mais número de mortes os Estados Unidos, com 969 mil mortes, no Brasil na segunda posição de país que mais registrou mortes pelo Covid-19, com 657 mil mortos pela pandemia desde sua descoberta³. Acerca destas informações, vimos sobre a pandemia no estado Paraíba, segundo um portal de notícias⁴, que:

o primeiro caso suspeito do novo vírus no estado, causador da Covid-19, foi notificado no dia 26 de fevereiro de 2020. O primeiro caso confirmado do patógeno ocorreu no dia 18 de março de 2020, referente a um homem de 60 anos, residente no município de João Pessoa. Os picos do número de mortes diárias causadas por coronavírus na Paraíba eram em 25 de maio de 2020 e 5 de junho de 2020, quando a SES registrou 41 óbitos em cada um desses dois dias. Em 31 de março de 2021, esse recorde foi superado e a Paraíba registrou, em um dia, 73 mortes por Covid. Então gestores públicos continuam

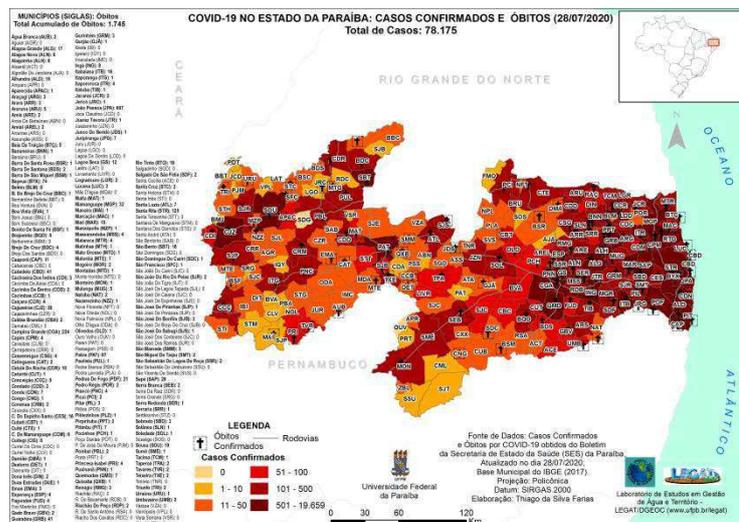
³ Dados do momento de escrita desta monografia.

⁴ Fonte: <https://portalcorreio.com.br/acompanhe-graficos-e-curva-de-contagio-do-coronavirus-na-pb/>

implementando medidas de combate por meio de decretos com restrições e obrigações que devem ser mantidas pela população.

Assim, por vários meses vimos a necessidade de o isolamento ser respeitada. A figura 11 com o mapa de contágio no Estado ilustra bem como estávamos em 2020.

Figura 11: Mapa de contágio do Covid-19.



Fonte da imagem: <https://www.ufpb.br/legat/contents/menu/portal-de-geodados-sobre-o-coronavirus/covid-19-paraiba>

Frente a essa situação de transmissão do vírus e necessidade de proteção das vidas pelo isolamento, uma vez que ainda não existia vacina nem meios cientificamente comprovados de combate ou contenção da mortalidade do vírus, o município de Campina Grande, como vários outros, promulgou decretos para o enfrentamento da crise sanitária. A figura 12 ilustra isso:

Figura 12: Decreto Estado da Paraíba



Fonte da imagem: <https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doe/janeiro/abril/diario-oficial-21-04-2020.pdf>

Por este motivo, se fez necessário adaptar a metodologia. A teoria de Labov prefere a espontaneidade do indivíduo no momento da entrevista, mas por se tratar de um questionário foi quebrado o conceito da espontaneidade, criando “Paradoxo do observador”. Assim, com o intuito de evitar tal paradoxo, antes de começar as entrevistas foram realizadas conversas modestas com os indivíduos para que os mesmos se sentissem mais confortáveis, dessa forma, foi usado como método estratégico um convite para uma entrevista para a pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mas foi iniciada com um pouco sobre sua vida pessoal, para garantir que os entrevistados produzissem dados mais espontâneos, pois só teve a presença do pesquisador.

O contato com os sujeitos foi estabelecido via Whatsapp, foram convidados 8 entrevistados, dentre eles: 4 de CG e 4 de JP para uma chamada de vídeo para uma conversa habitual. Como é de costume para a comunidade surda de se comunicar virtualmente através de chamadas de vídeo, não foi surpresa para os selecionados esse convite, pois esta foi a intervenção adotada para a entrevista. Buscamos abordar temáticas em comum para dar início

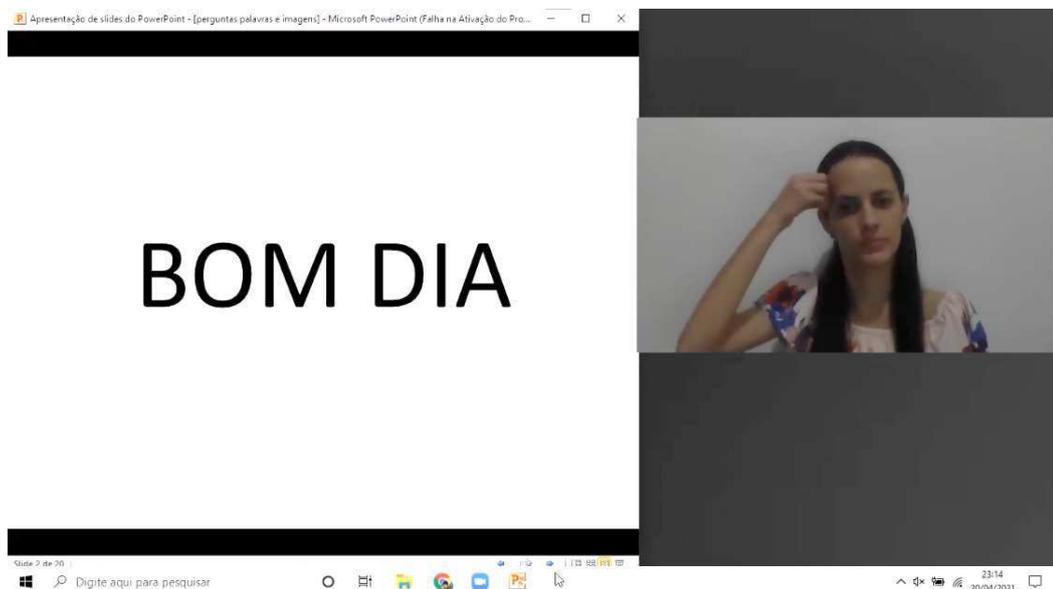
a conversa, amenizando, assim, a timidez. Logo após, foram iniciadas as perguntas de forma despretensiosa para não intimidar os entrevistados ou retráí-los.

Ao findar as perguntas foi revelado aos indivíduos que a conversa foi gravada e assim solicitada a permissão do uso da imagem para a pesquisa o que não foi problema, pois todos os participantes autorizaram o uso de suas imagens para a pesquisa. Todos ficaram surpresos, pois não esperavam que a entrevista seria informal. Por esta razão, foi possível coletar os dados sem influências ou interferências na sinalização, pois os entrevistados estavam tranquilos e agindo naturalmente.

3.1 Entre duas cidades a BR 230: a coleta de dados

Os resultados finais foram realizados através de entrevistas nos programas de videoconferência “Meet” e “Zoom” com gravações dos vídeos com informantes das Comunidades Surdas de Campina Grande e João Pessoa, de modo que foi possível registrar da variação lexical existentes entre estas cidades através das análises dos dados coletados. A figura 13, abaixo, ilustra nosso registro de sinais.

Figura 13: Apresentação da entrevista com informante C fazendo o sinal “BOM DIA”.



Fonte da imagem: Elaborada pelo autor, 2022.

Considerando-se que fizemos “prints” dos vídeos gravados, as imagens dos sinais exibidas são, conseqüentemente, a obtenção de nossos resultados e a descoberta e comprovação através das entrevistas de que há variação entre os dois municípios.

Foram analisadas as variações lexicais que surgiram nas entrevistas, pois se tornou um desafio coletar dados livremente produzidos nas entrevistas gravadas. A análise, com base nos principais objetivos da investigação lexical, foi realizada a fim de verificar a representatividade da variação, porém só foram selecionados os sinais mais relevantes. As imagens apontam que existe uma variação lexical entre as comunidades surdas pertencentes às cidades de João Pessoa (JP) e de Campina Grande (CG), Paraíba.

A entrevista em forma de despretensiosa conversa continha as seguintes perguntas:

- | N° | Perguntas |
|-----|---|
| 1° | Qual o seu nome completo? |
| 2° | De onde você é? |
| 3° | Qual sua idade? |
| 4° | Seus pais são ouvintes ou surdos? |
| 5° | Com quantos anos você aprendeu Libras? |
| 6° | Você nasceu surdo ou ouvinte? |
| 7° | Qual a sua formação? |
| 8° | Qual sua profissão? |
| 9° | Quanto tempo você mora na cidade que está agora? |
| 10° | Quanto tempo você estudou na escola inclusiva e a escola surda? |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

3.2 A BR 230 entre duas cidades: perfis dos participantes

Participaram da entrevista oito informantes surdos, formados no ensino médio, paraibanos e fluentes em Libras. Os participantes possuem entre 21 e 29 anos, sendo quatro do sexo masculino (M) e quatro do sexo feminino (F). Todos se apresentaram como sinalizantes nativos da Libras, embora não tenham nascido em famílias de pais surdos, todos de pais ouvintes. Este não foi um critério obrigatório para a seleção, sendo o critério de escolha somente o conhecimento da proficiência em Libras e ser nativo da cidade do campo de pesquisa. A

escolha dos entrevistados não foi muito seletiva, pois a comunidade surda é minoria na sociedade, por esta razão não há muitos surdos para que fosse mais seletiva.

Os informantes de Campina Grande e João Pessoa foram identificados por letras do alfabeto de A a D para que suas identidades não fossem reveladas, como também para possibilitar a codificação necessária à análise dos dados. Identificamos dois tipos linguísticos entre os informantes: Pré-linguístico (PRÉ) e Pós-linguístico (PÓS). No caso de Pré-linguístico, a criança nasceu surdo ou ouvinte, mas que logo após perdeu audição, mas o principal da questão é o indivíduo já teve a aquisição linguística da Libras, como por exemplo, pode acontecer dele ter o contato com a Libras através dos pais e irmãos que sabem Libras. No caso de Pós-linguístico, a criança nasceu ouvinte e depois perdeu a audição, mas primordialmente, não teve contato com Libras. Pode acontecer que seus pais ou irmão não saberem ou não conhecerem a Libras e só depois de meses ou anos que começou a aquisição linguística da Libras, através da escola ou contato com sua comunidade surda. Estes conceitos são relevantes para identificar qual o tipo de desenvolvimento linguístico os informantes tiveram.

A demonstração da coleta de informações de cada informante, o sexo, a idade, formação, tipo de linguísticos dos entrevistados e está no quadro 1, a seguir:

QUADRO 1: PERFIL DE INFORMANTES: SURDOS DE CG

Nº	IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES	SEXO	IDADE	FORMAÇÃO	LINGUÍSTICOS
1º	A	M	25	ENSINO MÉDIO	PÓS
2º	B	M	25	ENSINO MÉDIO	PÓS
3º	C	F	27	ENSINO MÉDIO	PÓS
4º	D	F	23	ENSINO MÉDIO	PÓS

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Do mesmo modo, apresentação dos participantes de JP foi feita atendendo aos mesmos critérios de discriminação para demonstração, de acordo com o quadro 2:

QUADRO 2: PERFIL DE INFORMANTES: SURDOS DE JP

Nº	IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES	SEXO	IDADE	FORMAÇÃO	LINGUÍSTICOS
1º	A	M	24	ENSINO MÉDIO	PÓS
2º	B	M	22	ENSINO MÉDIO	PÓS
3º	C	F	21	ENSINO MÉDIO	PRÉ
4º	D	F	29	ENSINO MÉDIO	PÓS

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Sobre os tipos linguísticos em Libras, todos os informantes, nascidos em famílias ouvintes, não tiveram contato com a língua desde a mais tenra idade, apenas a partir de um ou dois anos de idade, por isso eles são pós-linguísticos. Exceto o informante B de João Pessoa, que teve o contato com a Libras desde que era bebê, pois, sua irmã mais velha também é surda e lhe instruiu interagindo com a comunicação em Libras isso podemos considera-lo como pré-linguístico.

CAPÍTULO III - AS DESCOBERTAS DO INVESTIGADOR: A ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo se constitui como centro de nossa análise dos dados. Esta, por sua vez, consistirá da descrição dos sinais variantes feitos pelos participantes surdos analisados e consequente explicação da mesma.

Em virtude do tempo de investigação, que foi curto, por se tratar de uma monografia de graduação, analisaremos a realização de sinais adequados a seis itens referenciais, e não dos dezenove coletados, sendo eles: BOM DIA, POR QUE, PROJETO, ENFERMAGEM, COXINHA e ELEVADOR. Tomamos o cuidado também de escolher sinais com variação lexical, sem misturar os níveis de análise, ou seja, há uma seção específica para variação lexical.

Os dados recolhidos nas gravações dos vídeos foram analisados e comparados com o propósito de mostrar e apontar as possíveis variações lexicais entre Campina Grande e João Pessoa. No momento da entrevista foi feita uma dinâmica de apresentação de imagens e palavras para eliciar a produção dos sinais, no entanto, a produção dos mesmos foi isolada e sem o contexto de fala de onde o sinal foi retirado, o objetivo era não influenciar nas respostas dos entrevistados.

A seguir, apresentamos o quadro 3 que divide os referentes por quantidade de variação lexical.

Quadro 3: Número de informes por referente em CG

	Referente 1: BOM DIA	Referente 2: POR QUE	Referente 3: PROJETO	Referente 4: ENFERMAGEM	Referente 5: COXINHA	Referente 6: ELEVADOR
Nº de informes	DOIS	DOIS	DOIS	DOIS	UM	QUATRO

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

O quadro acima apresenta a quantidade de variação dos sinais realizados na região de CG identificados na pesquisa. Pode-se perceber que a quantidade de sinais identificados é quase sempre acima de dois, isso mostra a existência da variação lexical, mesmo que dentro de uma mesma cidade.

A seguir apresentamos o quadro de JP que também divide os referentes por quantidade de variação lexical.

Quadro 4: Número de informes por referente em JP

	Referente 1: BOM DIA	Referente 2: POR QUE	Referente 3: PROJETO	Referente 4: ENFERMAGEM	Referente 5: COXINHA	Referente 6: ELEVADOR
Nº de informes	UM	UM	DOIS	TRÊS	UM	UM

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

O quadro acima apresenta a quantidade de sinais próprios de JP, região em foco identificados na pesquisa. Pode ser identificado que a quantidade de variação da localidade de JP é quase uniforme, com quase todos os participantes utilizando do mesmo sinal.

Na seção a seguir será explanado sobre as descobertas feitas nas duas cidades e as comparações que realizamos.

4.1 Descrição da variação lexical encontrada

Os referentes escolhidos para a análise das variantes lexicais foram BOM DIA, POR QUE, PROJETO, ENFERMAGEM, COXINHA e ELEVADOR. Fizemos a descrição por item, apresentando inicialmente as imagens de CG (Campina Grande) e JP (João Pessoa), em seguida, a análise linguística.

Os quadros 5 e 6, a seguir, apresentam como CG e JP utilizam o sinal de “BOM DIA”.

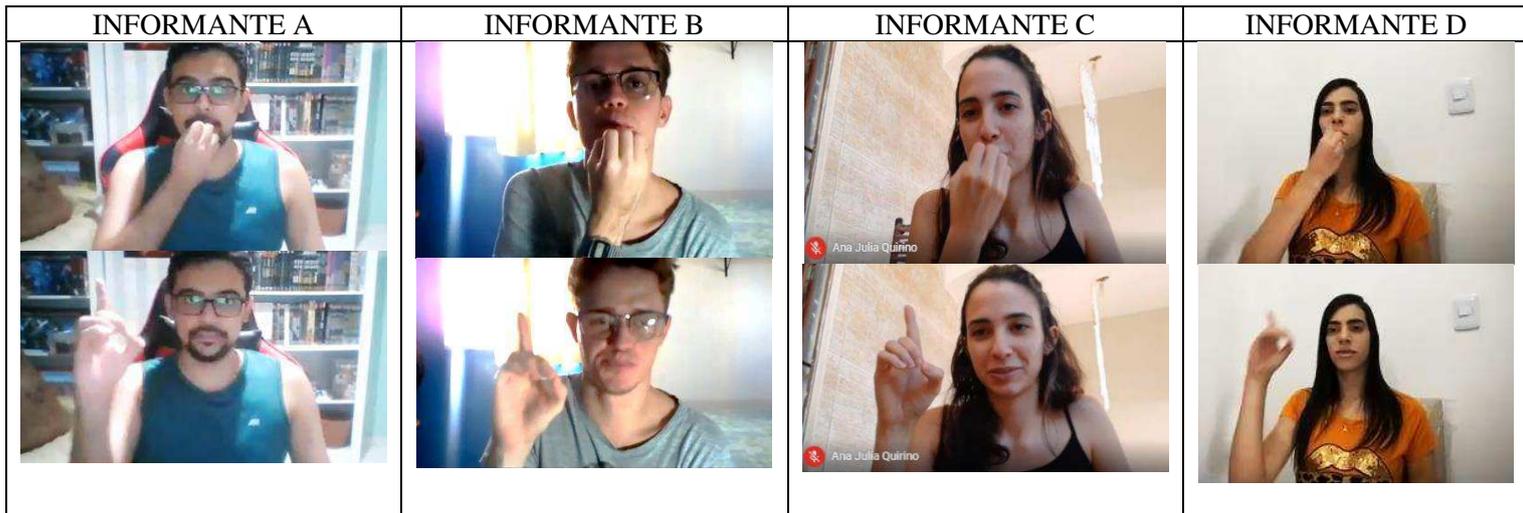
Quadro 5: Referente 1: BOM DIA - CG

INFORMANTE A	INFORMANTE A	INFORMANTE B
		
		
<p>Primeiro sinal</p>	<p>Segundo sinal</p>	

INFORMANTE D	INFORMANTE B
	
	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Quadro 6: Referente 1: BOM DIA - JP



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

O referente 1 mostra os informantes utilizando de léxicos na realização do sinal BOM DIA. Conforme o vídeo analisado dos registros com sinais feitos por surdos de CG e de JP, houve variação lexical do sinal, sendo que no quadro de CG quase todos os informantes fizeram o mesmo sinal. Este sinal, porém, não é utilizado em regiões vizinhas, sendo majoritariamente realizado somente na localidade de CG. O informante A tem contato com pessoas da região de JP, sofrendo, com isso, influência no seu léxico e utilizados os dois vocabulários na cidade em que reside.

No quadro de JP todos os informantes entrevistados utilizam o mesmo sinal. A partir da análise, ambos os quadros possuem variação lexical entre as cidades. O sinal de CG usado pelos três informantes foi encontrado em um dicionário Oates.

Figura 14: Registro do sinal “BOM DIA” do dicionário de Oates.



Fonte da imagem: Dicionário *Linguagem das Mãos* (1969).

O sinal foi publicado em 1969 no dicionário *Linguagem das Mãos*, por Eugênio Oates. Em relatos informais feitos pelos surdos anciãos, este sinal começou a ser utilizado em Campina Grande na década de 1990 quando os surdos tiveram contato com os dicionários.

Anteriormente, quando as primeiras mobilizações linguísticas da comunidade começaram a acontecer, o sinal utilizado era o mesmo que registramos de JP.

Sobre o sinal BOM DIA utilizado em JP não temos imagem do dicionário que influenciou o léxico naquele município. Não conseguimos encontrar o sinal no dicionário Libras Ilustrado nem Dicionário Digital (INES).

Quanto ao sinal “POR QUE”, os quadros 7 e 8, a seguir, apresentam CG e JP utilizado o sinal.

Quadro 7: Referente 2: POR QUE - CG

INFORMANTE A	INFORMANTE B	INFORMANTE C	INFORMANTE D
			
			

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Quadro 8: Referente 2: POR QUE - JP

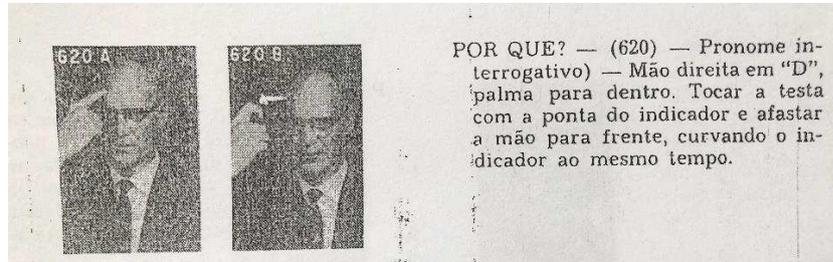
INFORMANTE A	INFORMANTE B	INFORMANTE C	INFORMANTE D
			

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

O referente 2 mostra os informantes de léxicos na realização do sinal POR QUE. Conforme o vídeo analisado. No quadro de CG vemos que os informantes B e C utilizam o

mesmo sinal ilustrado pela figura 15. Esse é o sinal mais utilizado em CG. É possível encontrar o mesmo sinal no dicionário Oates.

Figura 15: Registro do sinal “POR QUE” do dicionário de Oates.



Fonte da imagem: Dicionário *Linguagem das Mãos* (1969).

O dicionário Oates foi produzido por um americano e é possível que alguns sinais da língua de sinais americana (ASL) tenham sido absorvidos e com o passar do tempo se tornaram parte do vocabulário da Libras. Outro sinal muito bem semelhante pode ser encontrado no “SpreadTheSign”, que se trata de um dicionário de língua de sinais online que contém vocabulário de todas as línguas de sinais, de todos os países, e nele foi identificado um sinal parecido em ASL, conforme figura 16 abaixo:

Figura 16: Registro do sinal “POR QUE” em ASL.



Fonte: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/by-category/28/lingua/>

Os informantes A e D realizaram o sinal de outra forma, isso pode significar que tiveram influência da região de JP, pois ambos possuem contato com indivíduos do referido município.

Por sua vez, o quadro 8, com os dados de JP, mostra que todos os informantes daquele município possuem o mesmo sinal. O sinal “POR QUE” de JP tem origem desde 2002, no dicionário de Libras Ilustrado (SP), mas o importante a saber é que a descoberta desse sinal já existia no dicionário de Oates, no entanto, com outra palavra “QUE”.

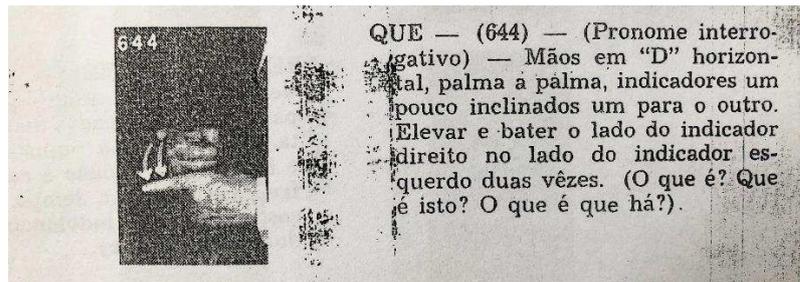
Segue, em sequência, as figuras 17 e 18 com os sinais citados utilizados nos dois dicionários.

Figura 17: Registro do sinal “POR QUE” do dicionário Libras ilustrado.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ZF0fv66xQWI>

Figura 18: Registro do sinal “QUE” do dicionário de Oates.



Fonte da imagem: Dicionário *Linguagem das Mãos* (1969).

Esse sinal “QUE” também se mantém ao longo do tempo, talvez por a comunidade surda se confundir uma palavra da língua portuguesa quando vai usar o sinal. É possível que tenha acontecido um “telefone sem fio”, no qual os surdos absorveram a imagem do sinal colocada no dicionário e deram o significado que a língua precisava “PORQUE”, desconsiderando a descrição que o dicionário fazia. Uma possibilidade para essa desconsideração pode ter sido o acesso a uma explicação em língua de sinais que lhes permitisse entender o conceito diferenciador dos pronomes “QUE” e “POR QUE”. Assim, eles ficaram só com o “QUE” do dicionário significando “POR QUE”.

Os quadros 9 e 10, a seguir, apresentam CG e JP utilizando o sinal “PROJETO”.

Quadro 9: Referente 3: PROJETO - CG

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Quadro 10: Referente 3: PROJETO - JP

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

O referente 3 que apresenta os informantes fazendo uso de léxicos na realização do sinal referente a PROJETO, demonstra como todos os informantes nativos de CG utilizam o mesmo o sinal, menos o informante A que, por influência da Língua Portuguesa, utiliza a Configuração de Mão “P” para realizar o sinal.

Já no quadro 10, de JP, há diferença na utilização do sinal do informante D. O léxico do sinal “PROJETO” possui diversas variações e as localidades aqui estudadas também seguem utilizando diferentes sinais para este termo.

Seguimos nossa investigação da variação linguística entre CG e JP e vemos nos quadros 11 e 12, como CG e JP utilizam o sinal “ENFERMAGEM”.

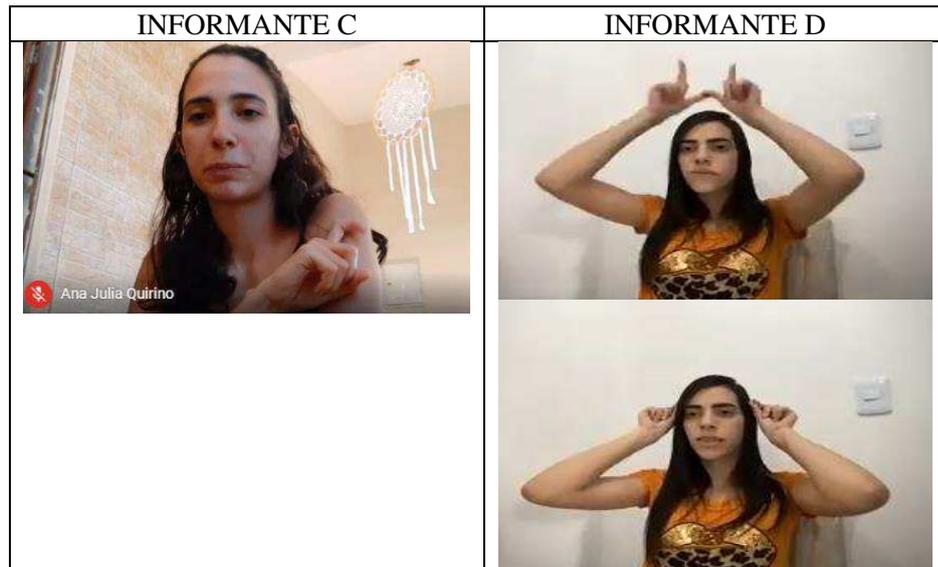
Quadro 11: Referente 4: ENFERMAGEM - CG

INFORMANTE A	INFORMANTE B	INFORMANTE C	INFORMANTE D
			 

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Quadro 12: Referente 4: ENFERMAGEM - JP

INFORMANTE A	INFORMANTE A	INFORMANTE B	INFORMANTE B
			
			
Primeiro sinal	Segundo sinal		



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Os quadros apresentam os informantes fazendo uso de diferentes léxicos. Observando o sinal de ENFERMAGEM e a variação lexical nele ocorrida, vemos que três dos informantes de CG utilizam mesmo o sinal. Apenas a informante D, realiza uma sinalização diferente, a motivação da variação, possivelmente, é que ela possui contato com amigos e familiares com a região vizinha.

Por sua vez, os informantes de JP são mais diversos na utilização dos sinais. O informante A apresentou dois sinais, B apresentou um sinal distintivo para ENFERMAGEM quando exercida por uma mulher (mulher + chapéu), e quando exercida por um homem (homem + cruz na lateral do ombro), mas A e B são teoricamente o mesmo sinal. C fez um sinal único e diferente de todos os outros informantes. A resposta para saber a origem do sinal que A e B fazem e sua motivação com o movimento cruz do braço é encontrada no dicionário “SpreadTheSign” da Língua de Sinais Francesa (LSF), ilustrado pela figura 19.

Figura 19: Registro do sinal “ENFERMAGEM” em LSF.



Fonte: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/by-category/194/saude-e-medicina/>

No sinal acima, vemos um primeiro sinal realizado com o movimento da cruz do braço, em seguida é realizada com acréscimo do sinal “CUIDADO”, assim acontece em LSF a composição do sinal da palavra enfermagem. A Libras, em sua formação, teve como influência a língua de sinais francesa, pois foi a primeira língua estruturada que, podemos dizer, colonizou a língua dos surdos no país. Mas, na Libras, a realização do sinal se alterou e se, assim, fez a separação dos dois sinais. Nesse contexto de criação de vocabulário, um sinal com movimento cruz do braço representa “enfermagem”, o outro sinal, foi adaptado durante os anos, e, mudando a configuração de mão com a palma da mão se tornou “CUIDADO”. Por este motivo, os informantes utilizaram um sinal diferente do sinal francês, apesar da memória lexical que nele existe. Outro sinal que foi usado como influência de outro país foi “ENFERMEIRA” que pode ser encontrado no “SpreadTheSign” da LSE (Língua de Sinais Espanhola), como mostram as figuras 18 e 19, abaixo:

Figura 20: Registro do sinal “CUIDADO” em Dicionário Digital (INES)



Fonte: <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/#libras-em-cd>

Figura 21: Registro do sinal “ENFERMEIRA” em LSE.



Fonte: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>

Não cabe em nosso estudo investigar os contatos com as línguas de sinais utilizadas por outros países, mas é possível pensar que as motivações dos sinais recebem mais influência destes vocabulários estrangeiros do que imaginamos.

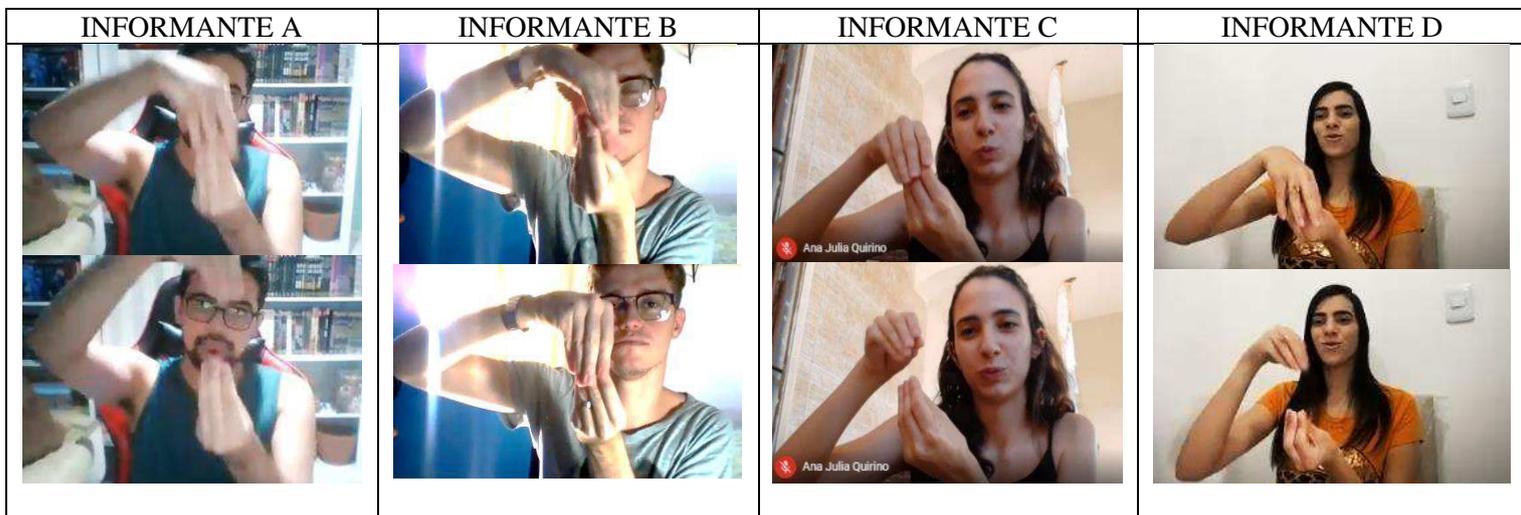
Sobre o sinal de “COXINHA”, os quadros 13 e 14, a seguir, apresentam como em CG e JP esse sinal é utilizado.

Quadro 13: Referente 5: COXINHA - CG



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Quadro 14: Referente 5: COXINHA - JP



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Ambos os quadros apresentam os informantes de léxicos na realização do sinal referente à COXINHA, que mostra a diferença entre a sinalização de cada localidade, na qual se dá pela divergência do movimento da mão, tal qual da localização do mesmo. Todos os informantes do quadro da região de CG utilizam do mesmo sinal, como também o de JP seus informantes

sinalizaram o mesmo sinal. Cada região da prioridade a utilização de seus próprios sinais, sendo assim, não há demasiada mesclagem de sinais entre as localidades.

Por fim, registramos e analisamos como CG e JP utilizam o sinal “ELEVADOR”. Os quadros 15 e 16 apresentam as diferenças:

Quadro 15: Referente 6: ELEVADOR - CG

INFORMANTE A	INFORMANTE B	INFORMANTE C	INFORMANTE D
		 	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Quadro 16: Referente 6: ELEVADOR - JP

INFORMANTE A	INFORMANTE B	INFORMANTE C	INFORMANTE D
			

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Os informantes de CG apresentam muitas variações nos sinais, sendo elas, possivelmente, advindas de influência recebida de JP e outras regiões. Por sua vez, os sinalizadores de JP utilizam mesmo o sinal, mas possuem duas formas diferentes para configuração da mão base. Sobre esse aspecto, dois informantes fizeram uso da mesma

configuração mão com a mão base fechada , e outros dois informantes com a mão base

aberta  .

Essa pesquisa não investiga a variação fonológica, mas se faz necessária a informação de sua existência e posteriores pesquisas sobre esse caso.

A esse respeito, existe um sinal parecido no dicionário de INES que influencia a região de JP a utilizar no seu cotidiano, porém muda a configuração de mão dominante do polegar aberto e mão base aberto.

Acerca das influências, o dicionário Oates, possivelmente, pode ter passado a influência para o INES, contudo, os organizadores do compêndio retiraram o primeiro sinal “tocando botão” e permaneceram com o segundo sinal “elevar” (figura 23). Assim, quando utilizado “MÃO DIREITA EM C TOCANDO E SUBINDO O BRAÇO ESQUERDO DO COTOVELO ATÉ O PULSO” significa, da mesma forma, “ELEVADOR”.

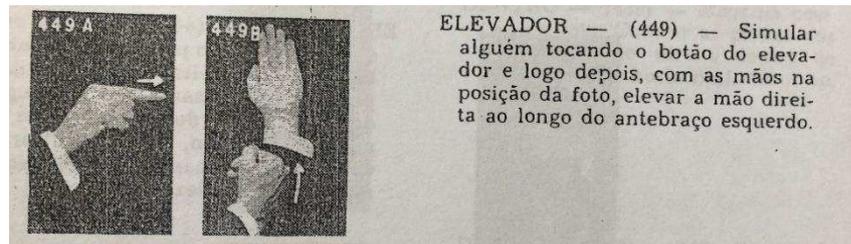
Por sua vez, na região de CG não se utiliza este sinal. Será exibido nas figuras 22 e 23, o sinal de ELEVADOR segundo o dicionário de INES e Oates:

Figura 22: Registro do sinal “ELEVADOR” em Dicionário Digital (INES).



Fonte: <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/#libras-em-cd>

Figura 23: Registro do sinal “ELEVADOR” do dicionário de Oates.



Fonte da imagem: Dicionário *Linguagem das Mãos* (1969).

Portando, a variedade lexical dos informantes existe por razão do processo histórico, cultural e social que influencia cada uma das cidades. Cada região prioriza sua sinalização local, porém quando um indivíduo estabelece contato com outra localidade a expectativa é de que o mesmo possa sofrer influência no seu vocabulário. Assim, foi observado que os sinais estudados apresentaram as seguintes coincidências variacionais apresentadas no quadro 17:

Quadro 17 - Informantes que mesclaram sua sinalização com os sinais com o campo vizinho.

	Informantes de CG que utilizam sinal JP		Informantes de JP que utilizam sinal CG
A	BOM DIA	D	PROJETO
A	PORQUE		
D	PORQUE		
D	ENFERMAGEM		
B	ELEVADOR		

Outra diferença encontrada foi com o informante A de CG que foi o único a fazer um sinal para PROJETO que os outros não fizeram, não combinando com a sinalização de nenhuma das duas regiões, com isso podemos concluir que ele possui contato com pessoas de outros Estados. A terceira diferença foi com a informante C, de JP, apresentou um sinal para ENFERMAGEM que nenhum dos outros informantes tinham conhecimento, com isso também podemos levar em consideração a hipótese que ela possui relações com outras localidades.

A sinalização da capital Joao Pessoa utiliza a Libras mais conhecida nacionalmente, buscando seguir os sinais de origem pelo fato de receber uma grande quantidade de turistas durante o ano, dessa forma facilitando a comunicação entre eles.

Por sua vez, Campina Grande, que é uma cidade quantitativamente menor, porém, que também possui uma grande quantidade de turistas durante o período do São Joao, difere porque sua cultura de utilização dos sinais CG se deu pela influência do dicionário *Linguagem das*

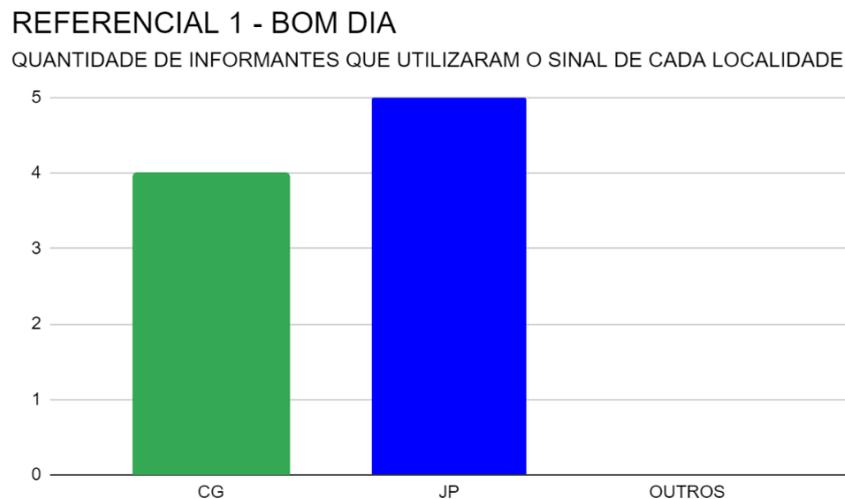
Mãos (OATES, 1969), que foi utilizado como base para o ensino da Libras para os surdos. Tal influência, até a atualidade, pode estar relacionada pela cidade ser culturalmente histórica e, também, possuir apego com seus sinais, priorizando a utilização dos mesmos.

5.1 Gráfico para variação lexical

Resultados Quantitativos

Serão apresentados nessa seção os resultados alcançados em formato de gráficos quantitativos, cada gráfico irá apresentar as respostas dos oito participantes, sendo contabilizado os sinais de CG, JP e OUTROS para os sinais que não foram identificados de qual região pertence. Com o intuito de estabelecer se uma cidade pode influenciar no léxico da outra.

Gráfico 01: Referencial 1 – BOM DIA



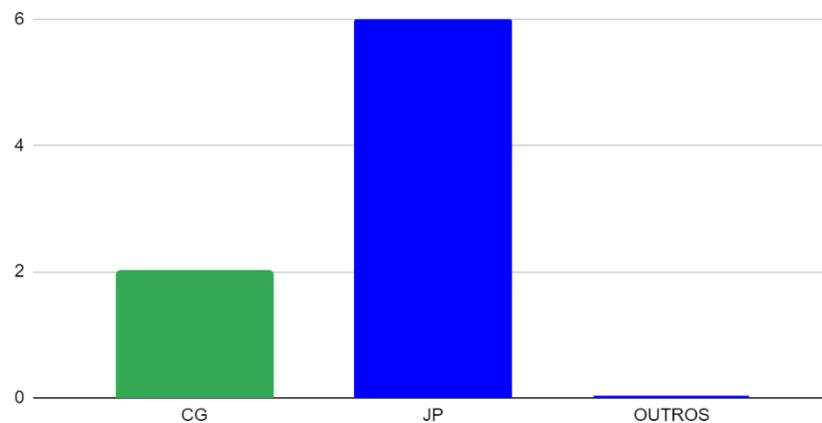
Fonte do gráfico: Elaborado pelo autor, 2022.

A partir do resultado acima, pode-se perceber que cada informante utilizou o sinal de sua região, apenas um deles utilizou dois sinais diferentes, sendo ele o de CG e JP, resultando em um ponto a mais para JP.

Gráfico 02: Referencial 2 – POR QUE

REFERENCIAL 2 - POR QUE

QUANTIDADE DE INFORMANTES QUE UTILIZARAM O SINAL DE CADA LOCALIDADE



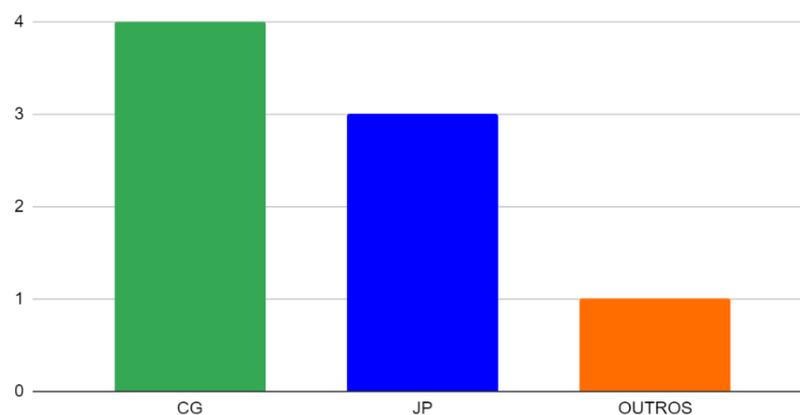
Fonte do gráfico: Elaborado pelo autor, 2022.

Conforme apresentado acima, dois informantes de CG utilizam o sinal da localidade, entretanto dois deles tem como costume a utilização do sinal de JP, totalizando seis informantes utilizando o sinal da região de Joao Pessoa.

Gráfico 03: Referencial 3 - PROJETO

REFERENCIAL 3 - PROJETO

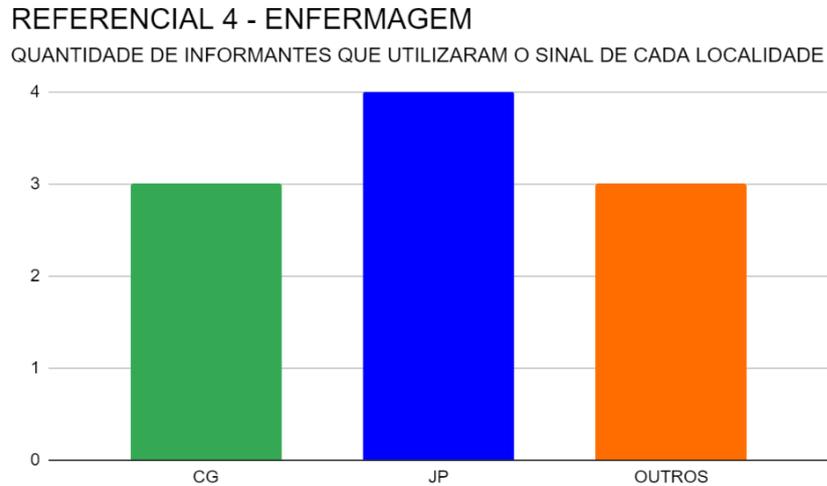
QUANTIDADE DE INFORMANTES QUE UTILIZARAM O SINAL DE CADA LOCALIDADE



Fonte do gráfico: Elaborado pelo autor, 2022.

Assim, com este resumo quantitativo, temos um informante de JP utilizando o sinal de CG, e um entrevistado de CG utilizando um sinal divergente a todos do grupo em questão.

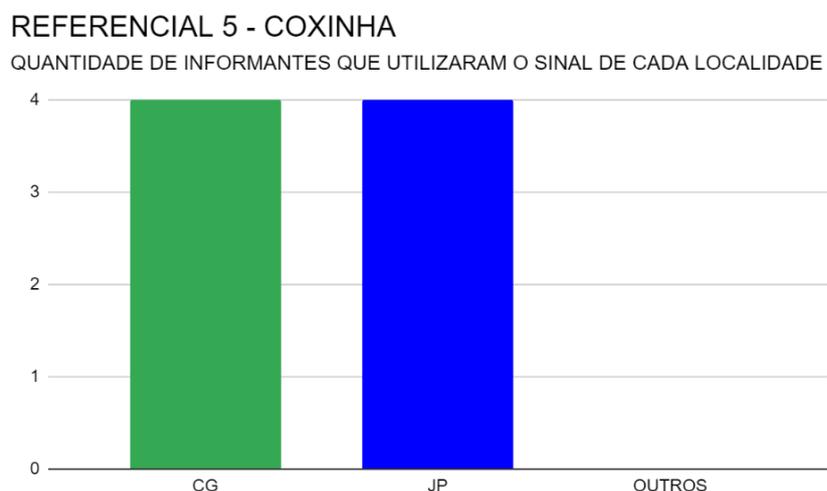
Gráfico 04: Referencial 4 - ENFERMAGEM



Fonte do gráfico: Elaborado pelo autor, 2022.

Neste gráfico, um dos informantes complementou o sinal com o gênero mulher + enfermagem e homem + enfermagem, dois dos informantes fizeram o sinal com o polegar fazendo o movimento da cruz tocando no braço, outro utilizou o sinal parecido, mas com diferente configuração de mão, com o indicador movimentando o dedo abrindo e fechando. Com isso, três participantes realizaram 3 sinais diferentes, um de CG sinalizou como o de JP, totalizando em 4 sinais com a variação de JP. Desta forma, é possível notar com clareza a existência da variação, porém, não só entre as duas cidades, como também em outras não trabalhadas nesta pesquisa.

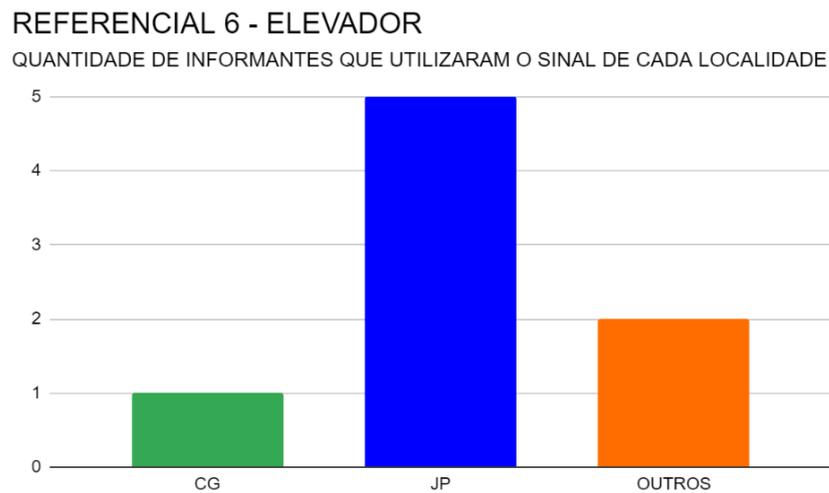
Gráfico 05: Referencial 5 - COXINHA



Fonte do gráfico: Elaborado pelo autor, 2022.

Com este resultado apresentado para o referente 5, vemos, claramente, a variação entre CG e JP, pois cada informante realizou o sinal advindo de sua própria região.

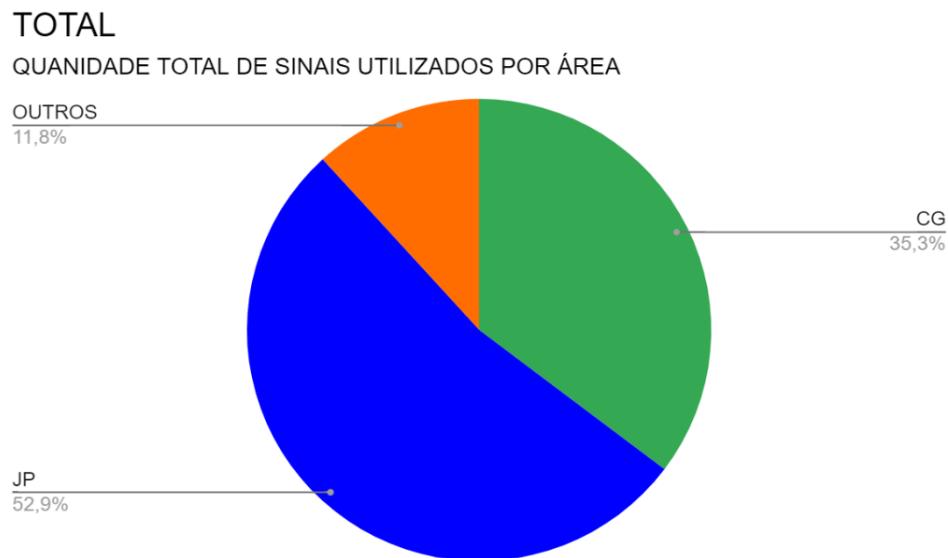
Gráfico 06: Referencial 6 - ELEVADOR



Fonte do gráfico: Elaborado pelo autor, 2022.

Com este gráfico, é possível notar a existência da variação, como também que CG possui influencia lexical de diversas localidades, sendo elas de JP ou outros lugares. Apenas um participante utilizou o sinal oficial de CG, sendo ele apresentado em dicionários antigos e sendo o mais utilizado na maioria dos cidadãos que nasceram na cidade, contudo três dos participantes de CG não utilizaram o mesmo, na sua maioria utilizando a variação de JP.

Gráfico 07: TOTAL



Fonte do gráfico: Elaborado pelo autor, 2022.

Com base nas referências gráficas apresentadas acima, concluímos que a existência da variação lexical entre CG e JP é evidente, duas cidades relativamente próximas, ambas dentro do mesmo Estado, mas, como mostra o gráfico acima, com influência de outras localidades que somam 11,8% na utilização dos sinais que influenciam diretamente nas duas cidades. Entretanto JP possui o maior poder de influência lexical sob CG, sendo assim, JP é uma referência por ser a Capital da Paraíba, totalizando 52,9 % da utilização dos sinais advindos de JP na pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que ficou evidente na pesquisa foi que os estudos sobre variação linguística ainda são um campo muito amplo para mais descobertas e agora sabemos por qual caminho seguir para

o mestrado, pois vemos como ainda é necessária a continuação de pesquisas na Paraíba de estudos sobre a variação lexical da Libras, como também para que, com o número de novas descobertas de novos sinais variantes, seja possibilitado mais embasamento teórico para o campo das variações lexicais.

A continuidade do estudo é necessária para que a pesquisa possa ser aprofundada no âmbito da Paraíba com o intuito de que a variação linguística na Libras da Paraíba seja investigada e sejam desenvolvidas e realizadas mais descrições dos dados deste fenômeno, de modo que, seja adquirido mais reconhecimento e prestígio para a língua de sinais e para mais pesquisadores que realizam pesquisas, nesse caso, com a variação linguística da Paraíba.

Como esta pesquisa teve como intuito identificar e apontar as variações lexicais existentes entre a comunidade surda de CG e JP, ambas cidades da Paraíba e, como objetivo apontar, que apesar da proximidade geográfica e cultural existentes entre essas cidades, a variação lexical se faz presente, contudo, ainda não é explorada de fato, principalmente no âmbito da Paraíba (CG e JP), esperamos ter colaborando para percepção e comprovação do caráter linguístico da Libras na Paraíba.

Apresentando a descrição da variação lexical encontrada nos informantes de CG e JP, com base no total dos resultados, nossa análise comprovou que há a existência clara da variação lexical. As variantes de CG mesclaram mais com os sinais da região de JP, apenas uma variante de JP utilizou um sinal da região de CG. Entretanto, também foram identificados que os sinalizantes utilizaram sinais de outras regiões, como foi identificado nos gráficos quantitativos de demonstração da variação lexical. Assim, pela análise dos gráficos, chegamos ao total de informantes que utilizaram os sinais de sua própria região: JP 52,9%, a região de CG com: 35,3% e os regiões demarcado como “OUTROS” com: 11,8%.

Como isso, podemos concluir que a existência de diversos dicionários espalhados pelo Brasil proporciona à comunidade surda do local a opção por qual dicionário aquela determinada região irá seguir. O contato com outras regiões se torna um terreno fértil para descobrir as variantes lexicais, pois, um indivíduo de certa cidade não conhece os sinais de outra localidade, pelo fato de cada região escolheu qual ensinamento seguir.

A pesquisa teve como objetivo apontar diferenças dentro de duas cidades, porém mesmo estabelecendo um campo de estudo, ainda foi possível identificar variantes advindas de outras localidades que não estavam dentro do planejado da pesquisa, com isso tivemos uma surpresa, pois, mesmo dentro da própria cidade ainda há variações.

A partir dessas observações podemos concluir que cada cidade possui sua própria influência, porém ainda conseguem se influenciar entre si através do contato entre os indivíduos, os mesmos que estabelecem contato interpessoal podem absorver sinais uns dos outros, não existindo um “certo” ou “errado”, pois cada sinal advindo de uma localidade é sua cultura, com isso, aprender com as variações é adquirir mais conhecimento sobre uma região, não somente restrito as duas cidades pesquisadas, , mas podendo acontecer em todo o país.

Com isso, finalizamos com o conceito de que não há possibilidade de uma homogeneidade na Libras generalizada pelo o país, sempre haverá variações, pois a língua é uma forma de expressão e cada indivíduo escolhe como irá se expressar.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CAMPELLO, A. R. S. (2009). **A Constituição Histórica da Língua de Sinais Brasileira: Século XVIII a XXI.** Artigo submetido para o Exame Escrito de Concurso Público para o Cargo de Professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC: Florianópolis.

CARDOSO, S. A. **Gramática de Libras: perspectivas terminológicas sobre a fonologia.** Revista da ABRALIN, v. 19, n. 2, p. 1-4, 29 out. 2020.

CHOMSKY, Noam. A linguagem e a mente. In.: **Novas perspectivas linguísticas.** Petrópolis: Vozes, 1970.

DICIONÁRIO da Língua Brasileira de Sinais/Libras. (2006) – versão 3.0. Disponível em: <<https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>>. Acesso em: 12. MAR. 2020.

DICIONÁRIO de Língua de Sinais | SpreadTheSign. Disponível em: <<https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>>. Acesso em: 12. MAR. 2020.

DINIZ, Heloise Gripp. **A história da língua de sinais brasileira (LIBRAS): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais,** dissertação de mestrado, CCE/UFSC, 2010.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.

FIORIN, J. L. (2006). Teoria dos Signos. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística I - Objetos Teóricos.** 5ª ed. São Paulo: Contexto.

FROMKIN, V.; RODMAN, R. **Na introduction to language.** Forth Worth: 5 ed., Harcourt Brace Jovanovich College, 1993.

Gama, Flausino José da. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos.** Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

KARNOPP, Lodenir B. **Fonética e fonologia.** Apostila do curso de Letras-Libras- licenciatura e bacharelado, 2013.

MATOS, Denilson Pereira de; SAÚDE, Conceição de Maria Costa. **Refletindo sobre a Libras a partir de conteúdo de aulas de teorias linguísticas em curso de graduação de Letras/Libras.** *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br];

MCCLEARY, L. **Sociolinguística**. Disciplina do Curso de Letras/Libras, Florianópolis: UFSC, 2009.

OATES, E. (1969). **Linguagem das Mãos**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora S.A. COLTED.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, E.; REZENDE, P. D. F. **Língua Brasileira de Sinais VI**. Material didático do curso de Letras Libras a distância. (Revisado), Florianópolis: UFSC, 2010.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROMANO, Valter Pereira; CÁ, João Fernando. **Mandioca, macaxeira e aipim na Região Sudeste do Brasil: distribuição diatópica e comentários geolinguísticos dos informantes**. MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944, [S.l.], n. 55, p. 109-128, jul. 2020. ISSN 0104-0944.

SANTOS, G. F. **Língua oficial e direitos linguísticos na Constituição Brasileira de 1988**. In: PINTO, P. F.; BROHY, C.; TÜRI, J.-G. (org.). *Direito, Língua e Cidadania Global*. Lisboa: Associação de Professores de Português, 2009. p. 254-268.

SAUSSURE, F. [1916] **Curso de linguística geral**, tradução Antonio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28. Ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Trad de A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.

SILVA, Alan David Sousa. **Variação fonológica e lexical em Libras**. 2020. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) - Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

SILVA, Simone Gonçalves de Lima. **Variação sociolinguística: estudo de caso na língua brasileira de sinais**. Revista Línguas & Letras – Unioeste – Vol. 15 – Nº 31, 2014.

SILVA, Sérgio Marinho da, LIMA, Niédja Maria Ferreira de e PORTO, Shirley Barbosa das Neves. **A constituição da libras em Campina Grande-PB: uma história que emerge das narrativas de surdos (1970 – 1996)**. Revista Cocar. V.14 N.28 Jan./Abr./ 2020 p. 243-262.

SILVEIRA, P. **Ideologia, indivíduo, sujeito**. São Paulo: PUC, 1994. p. 145.

SOFIATO, Cássia Geciauskas; REILY, Lucia Helena. "**Companheiros de infortúnio**": a educação de " surdos-mudos" e o repetidor Flausino da Gama. Revista Brasileira de Educação, v. 16, p. 625-640, 2011.

STROBEL, K. L; FERNANDES, S. **Aspectos lingüísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

VELOSO, Éden; MAIA, Valdeci. **Aprenda Libras com eficiência e rapidez**. Curitiba: Editora Mãos Sinais, 2009.

VILLALVA, A. & Silvestre, J. **Introdução ao estudo do léxico**: descrição e análise do português. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.